



42



Para
Todos...

Anno IV. N.º 172
Rio de Janeiro

DENTES BRANCOS
BOCCA LIMPA
HALITO PURO

Obtem-se com o uso da

PASTA ORIENTAL

A' venda em todo o Brasil

PERFUMARIA LOPES

MATRIZ — Rua Uruguayana, 44 } RIO
FILIAL — Praça Tiradentes, 38 }

PÓ DE ARROZ

E' o melhor e não é o
mais caro

LADY



Pó de Arroz

GLOSSY

ADHERENTE E PERFUMADO

Caixa grande: 2\$500 — Pelo Correlô: 3\$200

Caixa pequena: 1\$000 — Pelo Correlô: 1\$500

Caixa Postal: 163—RIO

Envie a importancia em vale postal, em
dinheiro ou sello a

CARLOS DA SILVA ARAUJO & C.

1° de Março, 13—1° andar—Rio

PROFUNDAS FERIDAS PELO CORPO



Pelotas (Rio Grande do Sul), 1°-10-1919.

Ilmos. Srs. Viuva Silveira & Filho. — Eu, abaixo assignado, tendo contrahido aos 16 annos de idade, um cancro syphilitico, seguido de toda a cohorte de soffrimentos: forte rheumatismo e profundas feridas pelo corpo, especialmente nas pernas (parte anterior e posterior) e articulação tibiotarsica, ao ponto de não poder andar, tal o estado a que cheguei; tratei-me com muitos medicos, sujeitei-me a diversos tratamentos, sempre com resultados improprios, até que já desacoroçoado comecei usando o insuperavel depurativo ELIXIR DE NOGUEIRA do Pharmaceutico Chimico João da Silva Silveira. Com este grande preparado, fui obtendo sensiveis melhoras, até obter minha cura completa, não mais sentindo dores, ficando bom, perfeito, como se nunca fôra attingido por semelhante molestia! E' pois, com inteira satisfação e verdadeira alegria de que estou possuido, pela extraordinaria cura que obtive com o santo ELIXIR DE NOGUEIRA, que peço da penna para enviar-vos esta, que VV. SS. juntarão ás muitas que possuem. Podendo VV. SS. fazer desta o uso que vos aprouver, assigno-me immorredouramente grato. — LEOPOLDO LEON LAFOURCADE JUNIOR.



Um conto Para todos

O APPELLO DA SOMBRA



MAGDALENA Clerans encostou sua fronte na vidraça e fechou os olhos. Atraz della, um crepusculo cinzento de Novembro invadia o quarto. E, lá fóra, o que ella não tinha mais a força de olhar era um pateo redondo, humido e coberto de musgo, no qual dois bordos brancos se esfolhavam sobre a calçada rude, em torno dum tanque melancólico.

O pequeno hotel particular estava silencioso. Os creados ficavam fechados em baixo, na despensa; as lampadas familiares não allumiavam as janellas. Só uma luz fraca marcava, no segundo andar, o quarto onde Sylverio Feliciano Clerans agonizava.

O medico, que acabava de sair, não deixara esperanza nenhuma, e a mulher que encostava o rosto nas vidraças com gesto tão desesperado, descansava um momento do seu esforço doloroso, antes de ir retomar, no topo da cama, o lugar que havia dias vinha occupando.

Quando ella se aproximou delle, o doente não se tinha mexido. Seus olhos estavam cerrados com serenidade, e da mascara admiravel popularisada por todas as revistas, a aproximação da morte não alterava nem a pureza nem a genial radiação. Salvo a brancura dessa fogosa cabelleira, que ella revê como outr'ora, apenas encanecida, Magdalena, inclinada sobre o rosto immovel, encontra nelle toda a belleza magnetica desse homem, tão loucamente amado. Entretanto, Sylverio Feliciano Clerans tem setenta annos.

Ha vinte annos, desde o dia em que, louca de paixão pelo compositor celebre, ella conseguira fazer-se desposar por elle, desde aquelle dia, ella vivia na sua sombra, bebendo-lhe os triumphos, arrebatada por suas obras, embriagada por apoiar-se nelle.

Feliz?... A fronte na sua mão, Magdalena sonha. Embriaguez, sim. Felicidade, não.

Quando se casou, ella só era uma creança. Ella conhecia, como todos, o romance de Sylverio e de Elsa Lewensborg. Mas, cegada por sua juventude e seu amor, ella pensara soprar sobre cinzas e espallal-as. Depois, lentamente, fizera-se um trabalho. Ella julgára-se a si propria, quando mulher. Ella vira-se, doce, terna, mas apenas bonita, distincta e intuitiva, mas sem chamma intellectual que a ligasse ao seu companheiro.

Então evocou-se, no fundo de seu instincto, a paixão dos amantes, o idyllio legendario que os queimára. Durante mezes ella procurou, num supplicio cada vez maior, tudo que podia reconstituir o passado, os retratos da cantora incomparavel, a gloria na qual o creador e a interprete — par unico — tinham andado através o mundo, a felicidade louca, seguida pelo immenso, pelo terrivel desespero de Sylverio. Cem vezes, a mulher ciumenta e torturada releu numa revista da época a narração do naufragio tragico. Ella sabe, com todos os pormenores, como o paquete, de volta da America, sossobrou durante a noite, como, do drama horroroso, somente Sylverio sahio vivo depois de ter tentado tudo para salvar Elsa. Tão legendario quanto o amor, tinha sido o luto do musico; uma aureola romanesca o corôava. Sua belleza sombria e ardente, seu talento dramatico, augmentavam-se com o prestigio da fatalidade.

Ninguém comprehendera, dez annos depois, seu casamento com essa menina insignificante.

Tambem ella, quando reflectia, não o comprehendia. A unica coisa de que estava certa, era de não ter sido escohiada por causa de seu dote. Elle era infinitamente mais rico do que ella, e pouco ligava ao dinheiro. Sempre a tratara com carinho e devia-lhe um interior delicado, um lar invejado. Era isto somente que almejava seu declinio de homem attingido em cheio no coração?

Quando Sylverio se erguera no seu caminho, Magdalena afastara-se dum amigo de infancia, quasi um noivo, cujo desgosto muito tempo lutara para fazel-a mudar de opinião. Esta noite, ella lembra-se do ultimo brado daquelle homem:

— Nunca apagará a lembrança de Elsa Lewensborg! Elle sempre ha de amar a dinamarquesa!

Agora, elle ia morrer. Ella ia perdê-lo, e nunca poderia saher-se a tinha amado.

— Meu Deus! gritava sua alma, dei-lhe tudo, e mais ainda, o que podem dar as forças dum coração humano! Tantas vezes desesperei em silencio, nestes vinte annos! Tão

dolorosamente tenho combatido contra tua sombra, Elsa! Poste unicamente um vulto que passou. Eu recebia-lhe o nome... Qual das duas irá com elle, misturada á sua alma? Qual?...?

Uma vaga de desespero submergiu-a. Sua mão tocou a mão de Sylverio, da côr do marfim, sobre o lençol branco. Ella quizera abraçal-o, enlaçal-o fogosamente. Mas não ou-sava mais commover vida tão precaria. Ella chorava.

De repente, o doente mexeu fracamente.

— A Symphonia em sol... murmurou elle... mais depressa, o Allegro... Sim, ainda...

Magdalena sentiu-se gelar. "Um pouco de delirio, talvez, antes do fim", dissera o medico. Alguns minutos de agitação...

A morte então tinha entrado? Que voz estranha! Uma voz que não sabia mais as mentiras deste mundo. Se aquella voz falasse, se ella pronunciasse um nome, do limiar onde ia extinguir-se ás palavras humanas, seria o verdadeiro nome...

— Sylverio!... soluçou a mulher, demente.

A voz longinqua continuou:

— Nada mais bello... o recitativo... minha obra inteira... Escreverei... um solo...

Magdalena Clerans levantara-se. Ella enlaçara a testa que mexia, e ella beijava a cabelleira, desesperadamente. Houve um silencio. A lampada crepitava. Um minuto, ella pensou que já tivesse morrido. Mas um sopro passava ainda entre os labios.

Emfim, elle suspirou:

— Elsa!... meu amor...

E acabou-se.

Ella olhou-o com olhos de louca. Depois, correu até a janella, abriu-a como se a arrancasse, e saltou sem um grito.

JEANNE LEUBA

(Tradução de João Boltshauser).

Em latas e garrafas

A venda em toda a parte.



AZEITE SOL LEVANTE

AZEITE SOL LEVANTE... é a mais
marca do mundo!

Graphologia

CARMEN (Rio) — Nada se lhe pôde dizer. Escreveu a lapis em papel pautado.

MAGNOLIA (Cachoeiro do Itapemirim) — Temperamento muito vibrante, embora sem apparencia de tal, e isso induz muita gente a enganar-se, mormente em casos de amor. Ama profundamente, mas difficilmente o dá a perceber. Seus instinctos têm grande sensualidade que, aliás, não é permanente. Gosta de idealisar um pouco antes de realizar. Seu espirito é muito recto e methodico, elevado e energico. A vontade é auspiciosa, com impetuos de muito vigor, mas pouco persistente. Sabe reagir muito bem quando tocada pela adversidade — o que prova a sua grandera d'alma. E, apesar de ser interessista, tem um coração muito generoso, repleto de virtude philantropica.

CHARLIE (Araraquara) — Audacia e validade é o que logo se nota na sua graphia. Modos delicados, envolventes, fortalecendo uma excellente bôssa commercial. Entretanto, não parece ser homem de negocios, pois apresenta uma bonita face espirital, galanteadora, muita amizade e boa prosa. Será, então, um mixto de individuo que sob apparencias superiores trata bem dos seus interesses. E a falta de bondade cordial confirma isso.

A. M. O. R. (Rio) — Instinctos sensuaes moderados, espirito normal, grandera d'alma no sofrimento. São esses os caracteristicos á primeira vista. Depois, percebe-se o sentimento de expansibilidade que é grande. O traço voluntarioso é pouco regular, comquanto ás vezes forte. Tem bastante finura, mas não abusa della para o mal. Seu coração é bondoso, muito liberal, comquanto um pouco egoista em amor. No mais, simplicidade de modos e palavras.

ESCRAVO DE ANNITA (São Paulo) — Possui qualidades boas e más, como quasi todos os individuos. Tem notaveis instinctos sensuaes, comquanto seja tambem um contemplativo, muito sonhador. É prodigo de palavras, mas muito egoista em materia de dinheiro. Sua vontade é tenaz, mas tão cheia de caprichos que perde 50 por cento da acção. Tem um pronunciado gosto artistico, mas de esthetica muito mediocre e até pittoresca... Dissimula perfeitamente o que pensa e o que sente. Não tem, pois sinceridade e é muito desconfiado. Possui alguma bondade cordial.

JUSILVES (Campos) — Tenha a bondade de escrever em papel lizo.

A MÃO SINISTRA



CINE-ROMANCE POLICIAL
BREVIAMENTE

ROBERTO (Rio) — O que lhe sobrou em prolixidade faltou em reflexão. Escreveu em papel riscado quadriculado e, portanto, anti-graphologico.

BOGARY (Rio Grande) — O seu principal caracteristico está na vontade. É poderosa e ambiciona muito. Tem um grande idealismo, de forma muito concreta — o que denuncia o predomínio das idéas praticas. Realmente, ha na sua graphia o traço positivo de quem só pensa e cuida no que é realisavel. Não é, porém, indifferente ao que se passa no terreno sentimental. Seu espirito tambem vibra, ainda que apenas superficialmente, pois o pólo constante da atracção é o interesse proprio e o bem estar material.

CASA GUIOMAR

CALÇADO «DADO»
Avenida Passos, 120
Proximo á rua Larga.

▷ titulo de reclame e sem lucro, resolveu vender sapatos de pelica vermelha, para homem (36 a 44) formato Belga, Rigor da Moda, salto meia prateleira



20\$600

custam nas outras casas
35\$000.

Para senhoras

Ultimas novidades em sapatos de pelica de cores azul, grenat, envernizada e brancos. Salto Luiz XV.

30\$000

Custam nas outras casas
45\$000. Pelo correio mais
2\$500 por par.

Remettem-se catalogos para o interior.

Dedidos a JULIO DE
SOUZA

PEROLA (S. Paulo) — Vemos na sua letra o indicio da timidez de espirito; é certo que consorciado ao signal da perspicacia, Será então uma timida por es-

perzeza ou conveniencia... Tem o espirito calmo, indifferente e adverso a coisas que lhe dêem preoccupações. É um tanto caprichosa em amor, mas conforma-se facilmente, se reconhece que ha difficuldade a vencer para realizar os seus caprichos. Mas nesse ponto não inspira confiança. É um tanto presumpçosa e não tem bondade cordial.

XENOPHONTE (S. Paulo) — É um expansivo, dotado de bastante audacia e de grande finura. Seu espirito é muito vibrante, mas pouco liberal. Tem caprichos autoritarios e frequentemente se contraria por não ver satisfeitos esses caprichos. Dissimula, porém, as contrariedades, e a tal ponto que chega a parecer um individuo de grande longanimidade. Sua tendencia é para o idealismo, não obstante uma excellente ligação de idéas — traço que se oppõe a fantasias. A vontade é irregular e mais ambiciosa que pertinaz. Pouca bondade cordial.

RATO BRANCO (S. Paulo) — Personalidade pouco definida, em virtude de um espirito muito hesitante e muito contradictorio. Assim, se ás vezes se revela audacioso até a temeridade, outras se mostra tímido até a pusilanimidade. Tambem apparenta liberalidade e não esconde egoismo e grande amor ao dinheiro. É sonhador, muito idealista, mas os instinctos sensuaes exuberam a cada passo, perturbando-lhe a mente e entregando a idealismo. E a vontade soffre os mesmos contrastes.

HELENA (Rio) — Desde logo se reconhece que tem um temperamento voluntarioso, firme e decidido. Não perde tempo em fantasias e procura logo chegar ao fim pratico das cousas. Comtudo, tem um traço muito delicado: ninguém suspeita uma natureza tão efficiente debaixo de semelhante apparencia. É pretenciosa quanto aos seus dotes intellectuaes, aliás dignos de nota. Discretamente facieira, com um bonito senso esthetico, distingue-se muito no meio em que vive. Não tem bondade cordial senão com os que lhe são caros.

MOZART (Rio) — Espirito muito vibrante e sonhador. Vontade fragil, quando em frente de imprevistos e difficuldades. Orgulho intimo. Muita perspicacia para arranjar a vida com o menor esforço possivel. Egoismo.

ELIXIR DE

INHAME



Depura

Fortalece

Engorda



É um lamentável erro que commettem as senhoras que usam crêmes e outros ingredientes que só oferecem uma momentânea belleza, pois que o uso continuo exerce sobre a pelle uma acção prejudicial. A cutis é tão sensivel como uma delicada planta, requer o emprego de um producto que seja efficaç, inoffensivo e de absoluta confiança como o

PO' DE ARROZ MENDEL

cujo uso diario mantem sempre fresca e suave a pelle do rosto e a protege contra os effeitos nocivos do sol e do ar.

Nota importante — O Pó de Arroz Mendel possui uma notavel qualidade adherente que resiste á acção do ar; por isso, não se deve usar nenhum creme ou pomada.

Vende-se em cores branca, rosa para as claras de pouca cor, "Chair" (carne) indicado para as louras e "Rachel" (creme) para as morenas.

Estes dois ultimos matizes estão muito em moda.

Agencia do Pó de Arroz Mendel — Rua 7 de Setembro, 107, 1º andar — Telephonos C. 2741. — Depósito em S. Paulo — Rua Barão de Itapetininga, 59.

MENDEL & COMP.



HONOLULU

(For-troll) — THE LEIGHTONS (Burt and Frank)

Repertorio da Orchestra Piccman

Moderato

Tutti

Musical score for "Honolulu" by The Leightons. The score is written for a full orchestra and includes a vocal line. The tempo is "Moderato" and the key signature has one sharp (F#). The score is divided into two systems. The first system includes a vocal line and a piano accompaniment. The second system continues the piano accompaniment. The score is marked with "Tutti" and "Moderato".

Para todos...

Continuation of the musical score for "Honolulu". This system continues the piano accompaniment from the previous system. It features complex chordal textures and melodic lines for the piano. The notation includes various musical symbols such as notes, rests, and dynamic markings.

Handwritten musical score system 1, left page. It features a piano accompaniment on the left and a vocal line on the right. The lyrics are: "lu - lu, o - der auch im Land der Zu".

Handwritten musical score system 2, left page. The lyrics are: "und auf Sa - ra - da - das ist ganz gleich".

Handwritten musical score system 3, left page. The lyrics are: "Ach das gehn der kleinen Mäd - chen was soll das nächste beste".

Handwritten musical score system 4, left page. The lyrics are: "Stadt - chen, bring dich Knecht, dann Mädchen mit einem Fe - gen".

Handwritten musical score system 5, left page. It includes a section marked "Schluß" (End). The lyrics are: "ad - dach".

Handwritten musical score system 1, right page. The lyrics are: "In Mono - lu auf".

Handwritten musical score system 2, right page. The lyrics are: "und auf Sa - ra - da".

Handwritten musical score system 3, right page. The lyrics are: "Ach das gehn der kleinen Mäd - chen was soll das nächste beste".

Handwritten musical score system 4, right page. The lyrics are: "Stadt - chen, bring dich Knecht, dann Mädchen mit einem Fe - gen".

Handwritten musical score system 5, right page. It includes a section marked "Schluß" (End). The lyrics are: "ad - dach".



O novo concurso



RESULTADO ATE' SABBADO, 25 DE MARCO DE 1922

(DECIMA PRIMEIRA APURACAO)

1ª — Qual o artista que mais lhe agradou em 1921?

Votos

Gloria Swanson	290
Norma Talmadge	119
Lila Lee	118
Shirley Mason	110
Bebe Daniels	108
Pola Negri	92
Mae Murray	90
Agnes Ayres	83
Mary Pickford	79
Priscilla Dean	70
Dorothy Dalton	67
Clara Kimball	59
Edna Murphy	41
M. M. Minter	40
Pearl White	34
Francesca Bertini	29
Lotte Neuman	27
Betty Compson	24
Constance Talmadge	23
Lillian Gish	22
Nazimova	21

As demais com menos de 20 votos.

2ª — Qual o artista que mais lhe agradou em 1921?

Votos

Thomas Meighan	431
Wallace Reid	221
William Hart	127
William Farnum	115
Harold Lloyd	75
Emil Jannings	57
Tom Mix	36
Bryant Washburn	28
Milton Sills	27
Art Acord	27
Hoot Gibson	24
Theodore Roberts	24
Harry Liedtke	21
Tom Moore	21
Eugen O'Brien	20
John Barrymore	20
Douglas Fairbanks	20

Todos os mais com menos de 20 votos.

3ª — Qual o film que mais lhe agradou em 1921?

Votos

Macho e fema	428
Homem miraculoso	214
Fructo prohibido	104
Direito de amar	77
Heliotrope	61
Seu maior sacrificio	60
Alvorada de Maio	54
Mãos poderosas	53
Se eu fôra rei	52
Sumurum	49
A mulher e o mundo	45
Anna Boleyn	29
Bailarina incognita	28
Ardor da juventude	27
Dahlia ou Eis minha esposa	21
Por que trocar de esposa?	20
Por direito de compra	20
Idolos de barro	20

4ª — Qual a marca que mais se salientou por sua produção em 1921?

Votos

Paramount	892
Fox	204
Ufa	158
Universal	152
Golwyn	131
Metro	51
Pathé	9
Itala	9
Gaumont	7
Botelho	7
World	3

Invicta, Sascha, Werner, Tena, Pathé Consortium, Robertson Cole, Select, Equity, Vitagraph 1 voto cada uma.

CONCURSO DE POPULARIDADE

Os que quizerem concorrer destacarlo o "coupon" abaixo, enviando-o a esta reda-

ção, depois de respondidas as seguintes perguntas:

1ª—Qual o artista (mulher) que mais se salientou em 1921?

2ª—Qual o artista (homem) idem, idem?

3ª—Qual o film exhibido em 1921 que mais lhe agradou?

4ª—Qual a marca cinematographica que melhores films apresentou em 1921?

Receberemos os votos até 30 de Abril do corrente anno.

Concurso cinematographico do "Para todos..."

1ª—Qual o artista que mais lhe agradou em 1921?

2ª—Qual o artista que mais lhe agradou em 1921?

3ª—Qual o film que mais lhe agradou em 1921?

4ª—Qual a marca que mais se salientou por sua produção em 1921?

Data

Nome

Direcção

REMETE-SE GRATIS!

SCIENCIA DOS EFLUVIOS OPICOS
COMO OBTER MAIORES RECURSOS?

FACILITA-SE A TODOS UM CAPITAL

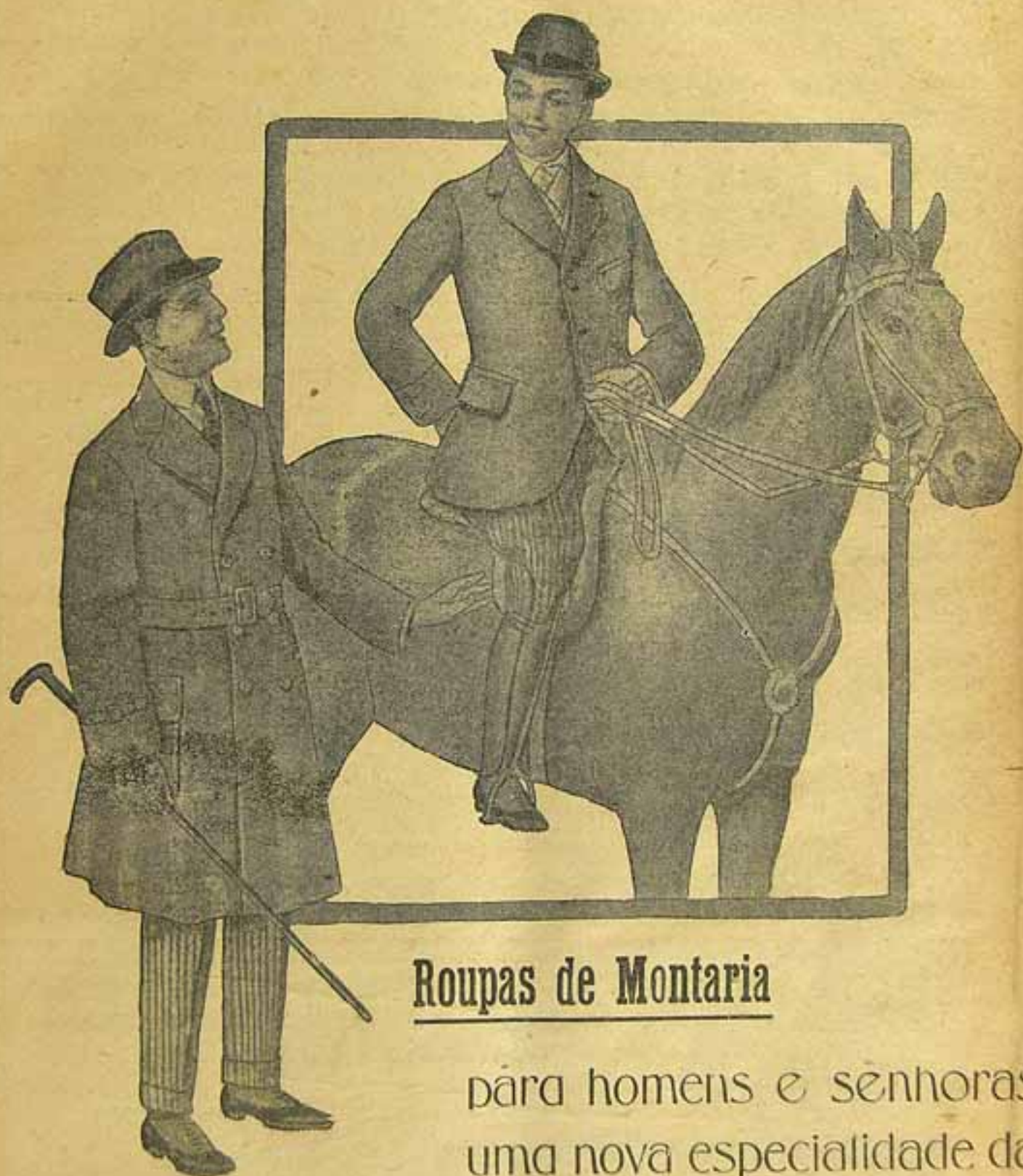
Qualquer pessoa que puzer seu nome e endereço neste annuncio e envia-o ao Instituto Electrico e Magnetico Federal, rua da Assembleia n. 45, Capital Federal, receberá, além de outras vantagens, uma demonstração dos meios praticos para ter sorte em tudo; enriquecer por meio de negocios, ou do jogo, ou da loteria; cobrar dividas ou vender mercadorias facilmente; immunisar-se contra perigos, desastres, doenças, influencias do Inveja, feitiçaria ou hypnotização; ganhar demandas; ficar curado depressa; casar com acerto ou alcançar o amor desejado; ter harmonia na familia ou na sociedade comercial; possuir poder magnetico; ver através dos corpos opacos; adivinhar o futuro; descobrir minas de ouro ou diamantes; atrahir abundancia de dinheiro. Nada ha que perder e tudo que ganhar, tal como está demonstrado nas cartas das pessoas mais notaveis do mundo inteiro e cujo theor exhibiremos. Na mesma casa, está a venda por dore mil réis, o importante livro de 400 paginas do DR. J. LAWRENCE — Hypnotismo Afortunante, Fazer e pedir 34!

Nome
Rua e numero
Logar e Estado

Para todos...

CASA COLOMBO

Grandes Armazens



Roupas de Montaria

para homens e senhoras
uma nova especialidade da

CASA COLOMBO

PILULAS DO ABBADE MOSS

O máo funcionamento do apparelho digestivo—**ESTOMAGO, FIGADO, INTESTINOS**—tem acção immediata sobre todo o organismo, produzindo diversas manifestações, cuja origem é uma só. Mantendo o bom funcionamento do apparelho digestivo, curando-se a prisão de ventre, evita-se a tão commum e terrivel **APPENDICITE**, as enfermidades infecciosas e vê-se desaparecerem as manifestações abaixo discriminadas, originadas pelo máo estado do **ESTOMAGO, do FIGADO, ou dos INTESTINOS**.

Dores de cabeça

Fastio

Gazes

Tonteiras

Flatulencias

Genio irascivel

Máo halito

Bilis

Colicas no figado

Indigestões

Dores no estomago

Dyspepsia

Pesadelos

Peso no estomago

Palpitações

Lingua suja

Hemorrhoides

Neurasthenia

Digestões laboriosas

Calor na cabeça

Falta de energia

Enxaquecas

Azia

Preguiça

e muitas outras manifestações

As **PILULAS DO ABBADE MOSS**, com acção directa sobre o **ESTOMAGO, FIGADO E INTESTINOS**, eliminando as causas, evitando «absolutamente» a prisão de ventre, proporcionam, desde o começo, bem estar geral, acceleram a digestão, descongestionam o **FIGADO**, regularizam as funções digestivas, e fazem desaparecer, em pouco tempo, as enfermidades do **ESTOMAGO, FIGADO e INTESTINOS**.

Em todas as drogarias e pharmacias do Brasil.

Agentes: **SILVA GOMES & C.**—Rua 1.ª de Março n. 151—Rio de Janeiro

Para todos...

MAGAZINE SEMANAL ILLUSTRADO

APARECE AOS SABBADOS

ANNO IV

NUM. 172

Redacção e administração

RUA DO OUVIDOR, 164

Teleph. Norte 6052

RIO DE JANEIRO, 1 de Abril de 1922

Doze meses	26\$000
Seis meses	13\$000
Num. avulso no Rio	\$500
Nos Estados	\$600
Num. atrasado	\$700

OS RATOS DO ORIENTE



S jornaes falaram, assim por alto, a pretexto de commentarem um acto do governo imperial do Japão, sobre essa tendencia que, pelo volume e pela extensão que hoje ella vae tomando, os subditos do Mikado manifestam, definitivamente, de virem para o Brasil povoar o que ha despovoado.

O acto do gabinete de Tokio se traduziu no sentido de ser aconselhada oficialmente a emigração de colonos para cá. O conselho presuppõe, sem duvida, um accordo ou, pelo menos, a perspectiva de um accordo sobre a localisação e trabalho, nas nossas paragens, de quantas familias nipponicas queiram embarcar em demanda das paragens americanas, onde mais tem fructificado a lendaria e immensa *arvore das palmas*.

Vamos por parte, para que se não veja nestas linhas a mais leve expressão de aborrecimento.

Ha de haver quasi tres annos, destas mesmas columnas, eu me permittia a liberdade de escrever umas considerações, sem brilho, é verdade, mais muito sinceras sobre esta questão, que se me afigura de excepcional importancia. Foi quando um telegramma de Paris nos annunciava ter a Delegação Brasileira á Conferencia de Paz votado pelo memorandum da delegação japoneza, que suggeria á Liga das Nações um artigo dispondo sobre a egualdade das raças. O momento era de incertezas e requeria muitissima prudencia. A Conferencia ensaiava os seus primeiros passos para a reorganisação economica, financeira, politica e social do mundo, ecoando como o rebate de um grande alarme a nota trazida a debate pela diplomacia do Extremo Oriente. E como o jurisperito a quem estava confiada a direcção da nossa embaixada aquelle magestoso certamen conhecesse perfeitamente o seu paiz, sabendo-lhe das suas origens, das suas tradições, das suas necessidades e dos seus destinos, não vacillou e, com um golpe seguro, declarou logo que concordaria com a suggestão.

Era o que nos dictavam os nossos fóros de liberalismo, e nenhuma conveniencia politica poderia nos levar a pensar de outra fórma. No fundo, porém, sob a capa daquelle refalsado sentimentalismo, os enviados do Japão solapavam e ameaçavam ferir de morte a tranquillidade do Occidente, que é, para os de lá, o pesadello que os atormenta nos seus novos sonhos de conquista e dominio. O que elles queriam, dourando a pilula era ameaçar a França e a Inglaterra, no Extremo Oriente, cuja colonisação toleram, mas não perdoam, e aos Estados Unidos, cuja repulsa systematica pela infiltração amarella nas suas costas do Pacifico o nipão recebe como uma bofetada de que se ha de vingar, mais cedo ou mais tarde.

A egualdade das raças seria o começo de um fim inevitavel. Dentro da propria Europa os judeus sacudiram os alicerces das velhas sociedades já tão abaladas nas suas instituições, e como já são elles os donos do capital, facil lhes seria, na esphera das demais attribuições civis, supplantar o resto dos povos.

E na Africa? O preto manipanso, que se julga tão bom como tão bom, só porque, em dias de festas, enfia a cartola e veste schreccatara á moda dos brancos, não haveria de continuar reconhecendo a tutela da civilisação das metropoles.

Teriamos, dess'arte, o mundo precipitado numa interminavel revolução social.

Paiz de immigração colonisado e explorado nas suas inexgotaveis riquezas pelos elementos estrangeiros, todos aqui se abrigam sem distincção de cores, nem de religiões, nem de patrias, commodamente installados á claridade protectora da constellação do Cruzeiro do Sul. Irmanados todos, brancos, mulatos e carapinhas, morenos, caboclos e retintos, aqui vivemos e nenhuma prevenção, resentimento ou malquerença nos desperta a desconfiança na communhão.

Por isso, o voto da Delegação Brasileira, abstrahido o ponto de vista em que só os europeus e os norte-americanos eram directamente interessados, foi um voto sincero, cheio de humanitarismo, voto de coherencia que chamou sobre o Sr. Epitacio Pessoa as atenções do plenario.

A questão, agora, se nos apparece sob um outro aspecto. O acto do governo de Tokio, procurando facilitar a expansão do seu povo para o Brasil, reveste-se dos caracteres de um enorme perigo. O japonês é o immigrante que menos nos convem.

Especie de rato do Oriente, em toda a terra onde chega é sempre o mesmo individuo sorridente, humilde e sorrateiro, manhoso, desconfiado e traiçoeiro, eternamente metido consigo mesmo, incapaz de sociabilisar-se, adaptando-se a tudo e tudo assimilando, para mais depressa absorver. Possuindo uma resistencia para os trabalhos da lavoura e da industria mais solida que a de qualquer outro camponez ou operario, intelligente, perspicaz e arguto, de uma sobriedade que chega a ser inacreditavel, ambicioso e calculado, alargando o olhar pequeno, mas faiscante de cubica, como na certeza de que a America é muito grande e o poder do Sol Nascente é maior ainda, esse colono é um corpo estranho, estranho e nocivo, que, se se disseminar, poderá trazer-nos dissabores amargos, talvez irremediaveis.

Na luta pela vida, elle enfrenta qualquer outro povo e vence. Vence, porque até da alimentação elle parece não carecer. Tem uma capacidade assombrosa para se insinuar. Armados até os dentes, a cabotagem da Australia e dos archipelagos adjacentes está hoje nas suas mãos. Mas, como o inglez, o francez e o norte-americano, tanto ou mais armados do que elles resistem, os nipões alongam as suas vistas para o Brasil, creando as suas linhas de navegação. S. Paulo, Paraná, Rio Grande, Matto Grosso e mesmo esta capital estão cheios desses roedores. A diplomacia japoneza já andou pelo sul, fazendo as suas observações e rondando geitosamente os presidentes e governadores dos Estados.

Insulado nos seus mares inhospitos, vendo os milhões e milhões dos seus subditos se multiplicarem numa pequena faixa de territorio onde já se morre á fome, o Mikado quer despachal-os para o Brasil.

E' um dever de patriotismo impedir essa colonisação disfarçada, porque outra coisa não seria a occupação amarella nos *hinterlands* de Goyaz e de Matto Grosso, conspurcando o caldeamento do typo nacional e deformando a nossa propria raça, em formação.

PAULO FILHO



Torneio Initium



O começo da temporada sportiva de 1922, com o torneio "Initium", no "stadium" do Fluminense F. C., teve um exito estupendo. A concorrência foi das maiores; torcedoras e torcedores lá estavam, todos, a postos. O jogo foi bello e forte. Mais uma vez, conberam ao Flamengo as glorias do dia. O rubro-negro venceu mais uma vez.



Os "teams" dos clubs confederados que disputaram a victoria do torneio "Instituto".

"O OUTRO LADO DA VIDA..."

O Sr. Alvaro Moreyra já é, de há muito, na literatura nacional, um valor incontestável, uma personalidade de relevo definitivo. Não é grande o número das suas produções. O distincto escriptor da nitidamente a impressão de um príncipe das letras, que não produz para viver, mas costuma, de quando em quando, offerecer aos seus leitores, com gentil superioridade, um pequeno escriptorio contendo algumas amostras da sua enorme riqueza espiritual.

Creio que não passem de cinco ou seis os seus livros publicados, não esquecendo os de poesia. Cada um delles foi, porém, uma victoria completa, e teve no intimo dos espiritos delicados um excepcional acolhimento. Basta lembrar o successo obtido pelo *Um sorriso para tudo*, que appareceu pela primeira vez em 1915, sendo reeditado mais tarde. Ninguém esquecerá jámais o lindo sonho que representa esse livro, a delectosa viagem a um paiz de doce fantasia e incomparavel variedade de aspectos, sempre attractivos: a alma do autor.

A transcripção de alguns preciosos fragmentos, escolhidos entre outros de igual valia, é impossivel resistir:

"A palavra é claridade. O gesto é sombra. Mas é o gesto que nos irmana ás ondas, ás azas, ás nuvens..."

O escriptor apparece-nos aqui como um S. Francisco de Assis, transbordante de universal sympathia, ancioso por uma communhão mais intima, mais perfeita, com todos os seres. E' uma attitude em que constantemente o surpreendemos através da sua obra. Um profundo enternecimento o toma a cada momento, diante das cousas inanimadas e dos animaes. Não fosse elle poeta! E assim o vemos, ora penetrado do encanto crepuscular dos canaes de Bruges, ou commovido pela delicadeza duma flor, ora "a pensar uns pensamentos distantes", intrigado com os olhos enigmaticos, "côr de incenso", do seu gato, no qual deve estar exilada, por qualquer arte antiga de encantadores, "a alma de algum poeta, de algum assassino, ou de algum santo..."

Mas o paralelo não dura muito tempo, porque encontramos logo a subtilidade e as scintillações ironicas a distinguil-o do suave monge amigo das aves...

"Sem saber, serenamente, vamos fazendo com a vida quotidiana, que pertence a todos, a nossa vida de memoria, silenciosa, apenas nossa, que ninguém conhece. Vida que é o reflexo de tudo o que os nossos olhos elegeram, de tudo o que o nosso coração amou".

"Que lindas imagens andam nesta vida! e harmonias eternas! e aromas que nos embalsamam ainda!... E ainda sentimos nas mãos a mesma graça com que ellas pousaram num livro, ou no tronco duma arvore, ou nos cabellos de uma mulher... E nas nossas palavras ainda encontramos palavras velhas como flores..."

E estes dois pensamentos sobre a felicidade! Na littera-



Senhorinha Helena de Lima Franco, eleito 1ª secretaria da Liga Internacional de Assistencia aos Animaez.

tura mundial deve haver pouca coisa que lhes seja comparavel!

"A felicidade não morre toda. A gente é sempre um pouco feliz da felicidade que teve..."

"A felicidade é um manto feito de retalhos, em que nos agazalhamos muito tarde... retalhos de alegrias, de pequenos prazeres, de algum consolo, de algum velho amor... de todas as illusões que nos revelaram a alma que nós temos..."

De modo que o livro ha pouco tempo dado á publicidade, com o titulo de *O outro lado da vida*, não foi nenhuma revelação, quanto ao espirito do Sr. Alvaro Moreyra, mas a confirmação do talento evidenciado nos livros anteriores, com, a meu ver, algumas modificações em certos pontos. A ironia, por exemplo, parece-me mais alerta e mais accentuada, o sentimento poetico menos abandonado, de uma intimidade menor.

Não é minha intenção criticar a obra do Sr. Alvaro Moreyra, tentar a avaliação da sua capacidade artistica, assignalando-lhe um lugar no quadro da actual produção litteraria. Faltam-me as altas qualidades indispensaveis a tal empresa. Além disso, já os mestres da critica no Brasil lhe têm dedicado excellentes estudos. *O outro lado da vida* tem sido saudado na nossa imprensa com louvores unanimes.

E' mais modesto o meu objectivo. Como é sempre muito agradável folhear demoradamente um bello livro já lido, reler, aqui e alli, um trecho mais harmonioso, uma passagem que mais de perto nos fala á alma, e esboçar um commentario despretencioso, a isso convido o leitor com este magnifico breviarrio á mão.

O espirito do Sr. Alvaro Moreyra! Nada mais raro, e por

ENLACE MATTOS — SOUZA GOMES

Photographias feitas na residencia do Sr. Coronel Alfredo Pinto, em Nietheroy, por occasião do casamento do seu enteado, Sr. Raul de Souza Gomes, com a senhorinha Aida Mattos, neto do Sr. Dr. Frederico de Faria Ribeiro.



Na Fortaleza de Santa-Cruz

isso mesmo mais precioso, nestes tempos de grosseria e laixo utilitarismo, até nas regiões da arte, outr'ora cheia de serenidade e aristocracia. Não é industrial o seu genero de espirito, não se destina, como está em moda agora, a produzir dinheiro, provocando a risada idiota e a malícia obscena. É um espirito que jamais levará aos corações jovens, dentro de phrases polidas e musicas, o acanhalimento. A ironia do Sr. Alvaro Moreyra é um vinho finissimo, de sabor subtil e original. Lembra por vezes a *verte franceza*, attinge ao *humour* de Machado de Assis, mas é de uma receita indiscutivelmente particular.

Numa das paginas deste livro o autor diz-se devoto da anedota, "em pequenos casos, nascidos não se sabe onde, espalhados não se sabe por quem". Além desta, ha uma outra especie de anedota: o caso engraçado que se conta, pondo em actividade o proprio dom inventivo, para divertir os amigos e matar o tempo.

Apezar da apparencia, não se encontra no *O outro lado da vida* nenhuma pura anedota, em qualquer desses dois sentidos. Sempre apparece uma observação profunda, uma phrase carregada de pensamento, que dá ao nosso sorriso, a principio divertido, uma expressão melancolica.

A pagina intitulada *O unico homem feliz* é um claro exemplo disso:

"Eu conheci um homem feliz. Chamava-se Teixeira. Era muito gordo e muito orador. Encontrei-o, pela primeira vez, ha sete annos, numa esquina da minha cidade, lá — longe. Teixeira estava radiante. Declamou-me alguns discursos, arrancou-me alguns botões do collete, e revelou-me o segredo da sua felicidade. A felicidade de Teixeira não era o convívio quotidiano com a Musa da oratoria; tambem não era o peso da saude que lhe entumescia o corpo.

Nem uma coisa, nem outra. A felicidade de Teixeira era apenas isto: — elle vira um dia, na rua do Ouvidor, quando tinha vindo ao Rio, em 1908, o Sr. Conselheiro Ruy Barbosa.

"— Vi-o, vi-o, caro amigo! Vi-o com estes olhos que a terra ha de comer. Ah!"

E ficou-se extasiado. Teixeira foi o unico homem verdadeiramente feliz, que eu conheci. Pena é que já morresse."

Note-se a phrase final. Ha ali mais pessimismo do que em muitos tratados da philosophia que se denomina com aquelle vocabulo. O escriptor conduziu-nos, sem nenhuma transição, de um caso jocoso, duma ironia leve, á dolorosa constatação de que, por maior que seja a felicidade, nunca poderá ser absoluta, devido a termos sempre, no fim, a morte.

O mesmo facto vamos encontrar em *Lembrança, Gente Moderna, Gente do Futuro*, e, por fim, nessa deliciosa invenção do Sr. Alvaro Moreyra, que é *A Sala das Incuráveis*.

Apresentando as observações do poeta Alvarenga Mosqueira, — "um homem que não era e que não deixava de ser; entre alto e baixo, entre magro e gordo, entre bonito e feio, entre desvairado e sabio; a propria encarnação do meio-termo." — o autor transforma a humanidade numa collecção de fantoches, de cujo pequeno theatro se torna o empresario. E os pobres fantoches movem-se incansavelmente, vivem, amam, choram, riem, numa a-citação sem nexo, e são ridiculos, infinita, irremediavelmente ridiculos. A ironia do autor chega, por vezes, a ser tão cruel como a do philosopho francez que creou Zadiq.

Não resta duvida de que ficou traçado, nessa parte do livro, um symbolo (e uma applicação larguissima). Ao terminar o ultimo capitulo tem-se a impressão de que o mundo está cheio de "incuráveis", e cada pessoa que apparece depois, aos nossos olhos, é como que uma simples copia de um determinado typo daquelle galeria. Isto viria provar mais uma vez a verdade das palavras de Oscar Wilde, quando affirmava, num dos seus dialogos scintillantes e fecundos, que é a vida que imita a arte, e não ao contrario, como parece á primeira vista.

Com facilidade tambem se provaria que certas grandes creações da arte litteraria não são senão figuras da "incuráveis". D. Quixote, Candide, René, madame Bovary, o conselheiro Accacio, Quincas Borba, o philosopho, e tantas outras creações, serviriam para fundamentar a proposição: Que são, na realidade, essas ficções que já nos acostumamos a ver como seres reais, como antigos conhecidos, senão enfermos de uma determinada tara, victimas áconscientes de uma affecção psychologica que os acompanha do berço ao tumulo — senão "incuráveis", numa palavra?



Depois da missa em acção de graças pelo restabelecimento dos officios victimas da loucura de um sentenciado.

Varios outros pontos haveria a comentar neste passeio pelas paginas do *O outro lado da vida*. É um livro de feição leve, que se lê sem nenhum esforço, e no entanto está carregado de bellas realidades e de suggestões em numero infinito.

O espaço occupado pelo inhabil chronicista neste numero, já é, porém, muito vasto. Antes de terminar não posso, entretanto, deixar de falar no *ex-libris* do Sr. Alvaro Moreyra. *Ad me ipsum*. Num pergaminho antigo, por debaixo duma coruja, ave da sabedoria, está impressa em caracteres gothicos esta divisa: *Para mim mesmo*. É o segredo da excellencia da sua arte, do maravilhoso prestigio do seu estylo, como é o segredo de todas as obras feitas para viver e perdurar. Como já disse acima, o Sr. Alvaro Moreyra não escreve com o fito do lucro material, nem com a intenção, igualmente desvirtuadora, de forçar a attenção publica, e mantel-a de qualquer forma sobre o seu nome. Da leitura dos seus livros guarda-se a firme convicção de que escreve porque está na lei da sua propria personalidade escrever, porque é um artista das palavras. Escreve como as flores perfumam, como as arvores dão frutos, como os outros homens mercadejam ou lavram.

Agora, uma pequena suggestão, que o Sr. Alvaro Moreyra perdoará a um "novo" — talvez demasiado novo para isso. Certas paginas de *Um sorriso para tudo...* e *O outro lado da vida...* são o claro penhor de que o distincto escriptor nos vae dar ainda dois determinados volumes. Um delles será um romance auto-biographico, collectanea de memorias da infancia e da primeira juventude, no genero de, para não citar senão dois nomes, *Les confessions d'un enfant d'hier*, de Abel Hermant, ou do divino *Le petit Pierre*, de Anatole France. O outro, um livro de pensamento synthetico e arte serena e



Embarque do Sr. Dr. Lindolpho Pessoa, deputado pelo Paraná, para aquelle Estado.

concentrada, de "epilogos", como gostava de dizer Remy de Gourmont, que venha a ser na obra do autor "o jardim de Epicuro".

ISIDORO GARCIA MACIEL.

DANTE

A figura de Dante inspirou muitos artistas modernos. A Delacroix, *Dante e Virgilio*; a Ary Scheffer, *Dante e Beatriz* e *Dante e Virgilio*, vendo as sombras de Francisca de Rimini e de Paulo; a Glaize, *Dante escrevendo o seu poema sob a inspiração de Beatriz e Virgilio*; a Henrique Delaborde, *Dante em Verona* — quadros; a Triqueti, *Dante nos Campos Elyseos*, baixo relevo em pedra; a Morani, *Dante recebido por Beatriz na primeira esphera do paraizo*, quadro; a Alfredo Cheron, *Dante*, estatua; a Saint Marceaux, *A mocidade de Dante*, estatua em marmore; a Aube, *Dante*, estatua; a Maignan, *Dante*; a Gustavo Courtois, *Dante e Virgilio nos infernos*; a Henrique Holliday, *Encontro de Dante com Beatriz*, quadros.

Entre os retratos antigos de Dante de Mazucchelli; o de Putinatti; o do gabinete imperial de Vienna; uma estatua proveniente da fachada da antiga cathedra de Florença e que foi transportada para a villa de Pagio; um quadro em madeira do seculo XV (Pisa); um quadro italiano do seculo XVI, pertencente ao antigo Museu-Napoleão III e onde estão reunidos os retratos de Dante e Beatriz; um quadro do mesmo museu, proveniente do palacio dos duques de Urbino e que se julga ter sido executado por um artista flamengo do seculo XVI. Um quadro de Vasari, pertencente ao Collegio de Oriel, Oxford, representa Dante em companhia de Petrarca, Cavalcanti, Boccacio, Gino de Pistoia e Guido de Arezzo.

Antes de Vasari, tinha Raphael pintado Dante em duas das suas obras primas, o *Parnaso* e a *Disputa do Santissimo Sacramento*, quadros monumentaes que figuram no Museu do Louvre.

Só um methodico cretino poderia vangloriar-se, aos cem annos, de haver realzado todos os seus projectos... — Remy de Gourmont.

RISCOS...

Foi La Fontaine quem descobriu esta pequena verdade bem verdadeira: os delicados são infelizes... E elle viveu entre creaturas mais polidas do que as de hoje... Se o doce contador de fabulas resuscitasse agora e tivesse de andar, na intimidade do ganha pão, junto dos homens que, pela revolta do mundo actual, mandam, dispõem, e até pensam, quanta dor havia havia de soffrer!

Fica lá, onde estás; para onde foste como vieste, Jean de la Fontaine... Não queiras ver de novo o sol e o que o sol illumina... Fica lá, bem quieto... No teu tempo, ainda existia a separação dos entes feita, menos que pelo nascimento, pela intelligencia... Essa separação já não existe. Uma terrivel igualdade por o mesmo rotulo nos mais diferentes exemplares da raça humana que, aliás, enlouqueceu... Fica lá...



Senhorinha Marina Van Erven

O RAJAH ADJEMIR DE PENNAH

Os milhões deste poderoso indiano, sonnegados durante muitos annos, despertaram a cubia de A MÃO SINISTRA, que não hesita em sacrificar muitas vidas, architectando planos infernaes, para se apoderar delles.

Ao famoso bando internacional, numeroso e forte, apenas dois homens fazem frente, o "detective" Jean Lérand, cognominado o "lord" e o Marquez des Ambrettes.

Quem sahirá triumphante, A MÃO SINISTRA ou o "detective"?



O tenor brasileiro Alberto Guimarães, que realisa no dia 8, no Salão da Associação dos Empregados no Commercio, um concerto de despedida, seguindo depois para as Republicas do Sul.



Cinema Para todos...



REVISTA DEDICADA AOS INTERESSES DA CINEMATOGRAFIA

REDACTOR - CHEFE
OPERADOR

RIO DE JANEIRO, 1 de Abril de 1922

COLLABORADORES
VARIOS

A NOSSA CAPA

WILLIAM FARNUM nasceu em Boston, Mass., a 4 de Julho de 1876, tem 1,77 de altura, pesa 80 kilogrammas, claro, olhos azues e cabellos louros. Casado com Olive White. Pertence ao elenco da Fox-Film, da qual é a principal figura.

No proximo numero — MARION DAVIES.

Chronica

A NOVA ESTAÇÃO

Começa hoje oficialmente a nova estação cinematographica de 1922.

Os programmas dos differentes cinemas offerecem ao publico desde já ou promettem para este mez novidades sobre novidades.

A Associated Producers estrêa na proxima segunda-feira com o photodrama de Thomas Ince — "Labios que mentem", e dentro de uma quinzena dará "O ultimo dos Mohicanos", de Maurice Tourneur; a Hodkinson dará duas de suas produções à tela do Parisienne ainda.

A Paramount, que precipitou a visão de seus grandes films, em virtude do seu 10º anniversario, dar-nos-á um dos melhores films até aqui feitos, de William Hart — "Martyrio", "Hora sinistra", "Lobo do mar", "Romance perdido", "Por baixo da mascara", "Um por minuto" e "Tommy, o sentimental", dramas, comedias-dramas e comedias, em que figuram os melhores artistas do elenco daquela empresa.

Da Goldwyn veremos talvez "A ré mysteriosa", com Pauline Frederick; "A marca do ferrete", "Coça as minhas costas" e "O Mundo e suas mulheres".

No Odeon teremos "A alameda dos pavões" (?) ou que outro nome tenha em portuguez, o film da Metro "Peacock Alley" e talvez "Broken blossoms", se é que essa produção de Griffith está destinada a este mez.

O Rialto, que exhibirá agora os films da Universal e os por essa empresa distribuidos da Equity e da Robertson Cole, terá sancada por fim a sua programação ecletica e cosmopolita com que até aqui tem vindo a se desmoralizar. Bom será entretanto que os seus novos exploradores se resolvam a fazer a substituição do aparelho de projecção que esse salão possui, bem merecedor de honrosa aposentadoria.

A Fox annuncia "A ruína de Sabá", grande espectáculo visual de que a plastica de Betty Blythe forma um dos grandes attractivos, si bem que como reconstituição historica não mereça os louvores da critica, desde as barbas do grande rei Salomão, tozadas por um barbeiro irreverente, até os costumes e indumentaria do reino dos Sabeus, que um archeologo de pouco peso fantasiou cinematographicamente.

Não sabemos se os films do First National farão sua estrêa.

A cinematographia allemã continuará a compor os programmas do Palais, não tendo nós elementos, entretanto, para dizer dos films que serão offerecidos ao publico em Abril corrente.

OPERADOR

UNITED ARTISTS CORPORATION

Já começou a funcionar em Buenos Aires a agencia desta famosa empresa, que dia a dia desenvolve as suas actividades.

Parece-nos que o motivo principal de sua instalação entre os nossos vizinhos é, além da maior importancia do mercado platino, bem superior ao nosso, a existencia de varios contra-tipos dos films roubados nos Estados Unidos e que ali têm sido exhibidos de ha dois annos para cá, por proprietarios de cinemas pouco escrupulosos. E' isso que se deprehe da publicação feita em todos os jornaes e revistas cinematographicas de Buenos Aires, em que a Agencia ameaça com as penas da lei todos quantos exhibirem os films da quella marca que não forem por ella fornecidos. De Buenos Aires estenderão os representantes da United até nós as suas actividades? Quem sabe!

Donald Crisp, Jacques Jaccard, directores de scena e Spottiswood Aitken, artista, acabam de se divorciar.

MARY MILES MINTER foi uma das victimas da campanha da imprensa amarella dos Estados Unidos, (que pelos modos bem parece igual á nossa nos seus escandalosos processos e no seu nenhum escrupulo) por occasião do inquerito sobre a morte de W. Taylor.

Na "Convenção de Albany", Marcus Loew, referindo-se a esse facto, disse: "Nem quero me lembrar do que li em certos jornaes a proposito da tragedia de Los Angeles. Nem ao menos consenti que filhos meus lessem as historias publicadas pelos reporters, pela immundicie nellas contidas. Não se pode nem se deve responsabilisar toda uma classe pelos erros de alguns dos seus componentes.

Mary Miles Minter é uma graciosa, encantadora moça, uma donzella. Nada fez para attrahir sobre ella a publicidade escandalosa que cercou o seu nome. O unico crime por ella commettido foi dizer quanto sabia a respeito do mysterio que envolvia o crime para auxiliar a justiça. Uma carta sua encontrada na casa da victima foi o thema para os mais grosseiros insultos por parte dessa imprensa."

A mulher de Pharaó, film allemão, da Efa, sob a direcção de Ernest Lubitsch, passou agora em New York com grand: successo. Arthur James, director da Moving Picture World, classifica-o como uma das melhores produções da cinematographia moderna.

Florence Reece está trabalhando actualmente em um film da Pathé N. Y. intitulado At bay. Helen Chadwick está azendo para a mesma empresa The Angel Factory. Ambos os films têm tres partes.

Irene Castle trabalha actualmente para a Hodkinson.



Lies and Deceits "Lying Life"

Film da Associated Producers — Produção de 1921 — Direcção do Thomas Ince

DISTRIBUIÇÃO

Blair Cornwell . . .	House Peters
Nance Abbott . . .	Florence Vidor
William Chase . . .	Joseph Kilgour
Leila Dodson . . .	Margaret Livingston
A Sra. Abbott . . .	Margaret Campbell
A Sra. Prospect . . .	Edith Yorke
Horrel Prospect . . .	Calvert Carter
John Warridge . . .	Emmett C. King

OPINIÕES DA CRÍTICA

Soberbo trabalho cinematographico e empolgante historia a dessa producção Ince-Associated.

Moving Picture World

E' um drama empolgante, feito em estylo absorvente e sem convenções por um grupo de interpretes muito bons, escolhidos com felicidade para os papeis que lhes foram attribuidos.

Exhibitor's Herald

Muito espectacular; falso porém como idéa e caracteres.

Motion Picture News

E' o maior trabalho realizado ultimamente por Thomas Ince, fazendo lembrar Civilização. Não ha um só ponto fragil nesses sete actos...

Exhibitor's Trade Review

Espectaculo para o qual não foram regateadas despesas; e dado mesmo esse estylo luxuoso deve ser um grande atractivo de bilheteria.

Wid's

Jámais a perspectiva mental ou emocional de Nance Abbott fôra prejudicada por sentimentalismos, por fraquezas do coração, que a mãe lhe inculcasse. Ao contrario, dura e positiva como era, creara a filha no mais simples dos credos. O dinheiro constituia o principio, o meio e o fim de todas as existencias bem reguladas, e estar bem installada na vida era o que nella havia de mais essencial. Para complemento desse credo, para remate dessa religião basica, pregara a Nance que a sua belleza era a moeda com que ella poderia comprar quanto desejava obter, no periodo da sua vida terrena.

Nance acreditara. Acreditara por indolencia e porque difficilmente se deixa de acreditar na voz que, desde o berço, nos acostumamos a ouvir, sobretudo quando os seus conselhos são simples de acreditar e agradaveis de cumprir. Ora, positivamente aquillo que a mãe recommendava, e que o pae, occupado e desilludido, ignorava por completo, não era desagradavel a Nance: bons jantares, capitosos vinhos, sedas macias que affagavam a pelle, vendas de luxo na cidade, vivendas de campo pittorescas, grandes recepções, festanças deslumbrantes capazes de preencher as horas que de outro modo o tedio preencheria, como uma punição maldita.

Era uma pena que todas essas boas cousas, William Chase, justamente as repre-

sentasse. Mas a vida é isto mesmo! — ponderava a mãe de Nance. Ao demais, William não era assim tão feio. Talvez um tanto obeso — excesso de banquetes, excesso de frivolidades; — talvez sem grande cultura que o puzesse em destaque; mas isso mesmo tinha as suas compensações. Qualquer rapariga, na quadra dos seus sonhos cor de rosa, banhados por uma lua chloroticamente pallida, jámais pensaria num homem como William Chase. A Sra. Abbott reconhecia tudo isso, mas...

Le havia sempre um "mas" com que a Sra. Abbott attenuava as inferioridades patentes de seu recommendado.

Um dia, Nance disse-lhe:

— Mas mamãe, tu bem sabes que eu não o amo, e que no fundo o que vamos fazer é uma má acção!

Mas a mãe impuzera-lhe silencio com um olhar e com uma pilha de contas a pagar, tão atzadas que já cheiravam a mofo. Nance nada mais dissera.

Chase era proprietario de muitas minas de carvão e de muitos e muitos milhões, amplamente sufficientes para attenuar a sua falta de *pedigree* e de perfeições pessoais. Além disso, estava cegamente apaixonado por Nance. Elle dissimulava tanto seu appetite nessa direcção como o dissimulava no club por algum appetitoso item do menu que o *steward* lhe apresentava; mas isso era um aspecto de William que se tinha que aprender a tolerar sem nausea. Nance era eximia nesse particular: tinha a disciplina do longo tirocinio a que desde verdes annos a submetera sua mãe. Ella tinha que casar com William Chase. Era sufficientemente fatalista para reconhecer a probabilidade de que isso viesse a acontecer. E não houvesse ella conhecido, justamente, um joven capitão do exercito por nome Conning Godfrey; não houvesse colhido nelle uma aura, fraca embora, do que devia ser o verdadeiro romance, a sua vida talvez tomasse uma direcção diversa, muito diversa.

Por um momento ella admittiu a idéa de que estava apaixonada por Conning Godfrey. Exultava quando dansava com elle, e sentira em si um estranho alvoroço no dia em que, robusto, erecto, resplendente de saúde e vigor, elle lhe apparecera a visital-a na salinha da casa terrea que occupavam. Se, porém, não dansavam, mas tomavam chá juntos ou simplesmente conversavam, a pobreza, a provavel obscuridade a que Godfrey estava condemnado assumiam no espirito de Nance a forma de espectros aterradores. Acrescia que a mãe não cessava de se debulhar em lagrimas todo o tempo que ella estava com o capitão. O pae, com o correr dos dias, parecia-lhe cada vez menos importante, e os fornecedores, como cheiravam no ar esta nova directriz das affeições de Nance e o consequente rompimento eventual com William Chase, tornavam-se mais prementes nas suas solicitações e ameaças.

E Nance acabou por dizer ao capitão

Godfrey que fosse tratar da sua vida. Era certo que Godfrey a fizera ter uma impressão do que podia ser o amor; mas



Approximava-se o dia do casamento...



Surprehendendo o namorado...



O baile no Canadá.



Era tudo tosco, grosseiro...

essa impressão não fôra sufficientemente rosea, nem sufficientemente ampla, para deter aquellas mãos a clamar contra a munificência do luxo em que viviam. Quando elle lhe falava de sonhos, ella falava-lhe de contas; quando elle lhe falava de um ninho a construir, ella falava-lhe dos materiais para a construção e dos preços fabulosos por que estavam. Finalmente, a sede de romance do mancebo, ella a estancou com o seu crêdo, com o crêdo materno, e elle acabou por desaparecer.

Depois que elle partiu, Nance sentiu-lhe a falta e não se considerou mais feliz. Suppunha que William seria mais fa-

cilmente supportavel, depois que desaparecesse o contraste do capitão e dos seus olhos azues, ineffavelmente magoados. Mas não foi assim. E um pouco por motivo dessa vaga saudade, um pouco pela persistência de sua mãe, um pouco pela vulgaridade affectiva, mas irritante, de seu pae, e muito por William, sempre William, a insistir junto della dia e noite, Nance veio a ser acommetida daquella depressãozinha nervosa, sem a qual, nos nossos dias, não ha moça elegante. Reque-reu então umas férias. Disse a William e á familia que, se lhe deixassem ir passar algum tempo com o tio e a tia Prospect, no Canadá, antes de regressar annunciaria o noivado, e concluiria "o negocio" apenas chegasse.

William ficou inconsolavel, mas acquiesceu. Amava realmente Nance, amava-a a seu modo, como amam os homens do seu typo. A fria belleza, a astuciosa petulância de Nance, aquelles olhos verdes, aquella pelle de neve... Elle não podia olhar para Nance sem que lhe passasse uma nevoa de paixão e de lagrimas sobre os olhinhos redondos e luzidios como missangas. Não lhe podia falar sem que se lhe estrangulassem na garganta as cousas que sentia e não conseguia exprimir-lhe. As suas mãos tornavam-se desageitadas, mais que de costume, quando lhe tocavam, quando pousavam naquella linda creatura, tão artificialmente evasiva. Ah, acordassem as suas supplicas uma hora de caloroso resposno no coração de Nance, e jubilosamente elle se despediria, um por um, de todos os seus milhões!...

Nance seguiu para o Canadá e, no tracto, parecia-lhe que iam tombando do seu corpo grilhões, grilhões de seda, sim, mas que a martyrisavam, que a opprimiam.

O tio e a tia Prospect agradavam-lhe. Tinham algum dinheiro, mas haviam-n'o conquistado duramente, pelo trabalho, labutando a par um do outro, como irmãos. Por isso tinham chegado áquella idade sem perderem nem as suas illusões, nem a sua perspectiva da vida. Conservavam alguns sentimentos e acreditavam em Deus. Observavam o Sabbath e tinham o amor por mola principal deste immenso relógio da vida. Eram pois pessoas perfeitamente normaes. Vivia com elles uma parente pobre, por nome Leila Dodson, creatura analogá a elles, salvo em que se presumia nascida para melhor sorte, o que degenerou nella numa verdadeira paixão e se tornou causa de incontáveis aborrecimentos. Não fôra isso, seria uma pessoa perfeitamente acceptavel. Nance não desgostava della, mas achava-a egoísta e de espirito fútil. Como porém ambos queriam melhorar, cada uma do seu modo e na sua esphera, nada ficavam a dever uma á outra e davam-se á maravilha.

Nance teve uma aventura, logo na noite em que chegou. Foi por assim dizer a primeira aventura da sua vida, pelo menos sózinha, e amedrontou-a menos do que a divertiu. Devido a algum desentendimento de hora, seus tios não a foram esperar; e aproveitando-se de um momento em que elle ficou a matutar sobre as instrucções que lhe tinham dado, um indio lançou á mão á sua mala de viagem e já se dispunha a disparar com ella, o que teria feito sem a intervenção de um joven de olhos vivos, que restituiu á proprietária a mala com um sorriso jovial que attenuava um tanto a expressão carregada dos seus supercilios unidos. Chamava-se Blair Cornwell, disse; era amigo dos Prospects, e como tal teria muito prazer em acompanhar á casa delles a viajante. O caminho era mão, sobretudo para um forastei-

ro... E os seus olhos diziam mais do que os seus labios, ao pousar nas roupas vaporosas e leves, de que Nance estava vestida.

Fizeram juntos o longo passeio até á vivenda dos Prospects, sob o olhar vigilante das estrellas, commentando ao mesmo tempo a variedade de cousas que ellas teriam visto, através de tantos milhões de annos.

— Devem estar já cansadas, — disse Nance, sem se dar conta de que cansada tinha ella a voz também.

Cornwell poz-se a contemplá-la, pallida e moça... Mas o seu coração contrahiu-se. Donde lhe vinha aquelle cansaço na voz? E aquelle pallor na face? Aquelle cahido da bocca, dos hombros? O corpo parecia brando e avelludado. Não era portanto do cordo o seu mal. Era da alma. Mas que lhe teriam feito á alma?

Eventualmente, elle viria a descobrir, como tudo descobre quem, obsecado por uma idéa, não cessa de pesquisar.

Começou por ir com frequencia á casa dos Prospects; mas isso não causou estranheza, a principio, pois era seu habito ir em visita a Leila, de vez em quando. Depois, com o auxilio das revelações de Leila, tornou-se patente que Blair Cornwell estava apaixonado por Nance, como jámais estivera por nenhuma outra moça. O modo como elle olhava para ella, o modo como della falava, o modo como lhe tremiam os dedos quando lhe cabia prestar-lhe qualquer serviço vulgar, — eram tudo indicações mais do que claras.

Levada por um vago ciúme, desse homem, que poderia ter sido seu e que agora nunca mais lhe pertenceria, Leila conversou longamente com Nance sobre a pobreza de Blair e o pouco caso que elle fazia de ser pobre. Falou-lhe das cousas de que elle gostava — "cousas toscas e feias, não sabe — e os seus olhos ardentes, á medida que se repetiam as suas narrativas sobre a pobreza de Blair, approximavam-n'a, comparavam-n'a a tudo que havia de delicado, de fino, de requintado, em Nance. Os seus olhos como que abertamente diziam: "A senhora, a senhora e Blair Cornwell — que disparate ridiculo!"

Parecia de facto ridiculo quando longe delle. Mas quando elle estava perto, quando os dois dansavam na sala dos Prospects ao som da "Mandalay", ah, então não parecia ridiculo, nem difficil sequer. As cousas toscas que elle preferia appareciam-lhe então sob um prisma de primitividade, de pittoresco. Assomavam privações no horizonte do futuro, mas havia nellas romance.

Nance sentiu o seu sangue refterver pela primeira vez, em toda a sua vida morosa. Rugia em todo o seu ser uma especie de clamor tremendo, avassalador, de que ella se sentia desconfiada, quasi envergonhada. E isso tudo, Nance o reconhecia, representava da sua parte, não força, mas fraqueza. Fraqueza, porque aquelle poderoso clamor de todo o seu eu ia levantar-se rubro, triumphal entre a sua pessoa e o destino que ella previamente se traçara. Esse destino era William, as suas minas e os seus milhões. Por isso ella amava Blair quando estava ao pé delle, quando dansava, quando conversava com elle; mas combatia-o, rechassava-o apenas elle desaparecia, apegando-se então á força de pensar nelles, aos esplendores que as minas de carvão e o demais patrimonio de William Chase tornariam possiveis.

Os Prospects favoreciam a união em perspectiva. Não lhes agradava, diziam um para o outro, a expressão dos olhos de

(Continúa no fim da revista)



São, nos seus pés o oceano...



Eu sou Charles Seaton...



Eu esta dos tios Prospects...



A festa em casa de Chase,

Uma visita a Constance Binney (ETHEL SANDS)



BETTY COMPSON EM TRAJES DE VOAR

Nunca julguei me fosse concedida a ventura de visitar uma estrella em sua residência, e portanto, quando me disseram que Constance Binney receberia minha visita com prazer, fiquei tão satisfeita como no primeiro dia em que me foi dada a entrada em um studio. Eu estava radiante de contentamento quando procurava o numero de sua casa em *Sixty-Second Street*. Finalmente cheguei a um edificio branco, de quatro andares, e com um aspecto não muito conservado. Uma criada, vestida de branco, abriu-me a porta e subi por uma escada estreita e atapetada. Em cima esperava-me uma joven mui graciosa, a qual me disse que estava ajustando as contas com um empregado do banco, e me pediu esperasse um instante. O homem do banco retirou-se e Miss Binney veio para mim, sentando-se em um *divan*, e começou a conversar alegremente. Eu não havia reconhecido Miss Binney logo que entrara, tão diferente me pareceu ella da Miss Binney que tantas vezes vira no cinema. Não obstante, seu penteado era o mesmo. Usava vestido cor de cinza com uns enfeites verdes. Seus olhos são azues; sua voz muito suave. Pela primeira vez me encontrava, so, em companhia de uma estrella. E com uma tão agradável e interessante estrella! Tive finalmente o ensejo de lhe fazer algumas perguntas, taes como: "gosta de usar aquelles vestidos bonitos?" "prefere representar em companhia de actores sympathicos?" etc., etc. A resposta a estas perguntas foi *sim*. "Agora, nós podemos conversar como duas boas amiguinhas", disse Miss Binney. "E' insupportavel para mim o ter que palestrar com esses homens de jornaes, homens superiores que nos vêm perguntar nossas opiniões sobre amor, casamento, politica, philosophia, etc.". Miss Binney ia continuar, quando uma criada entrou para lhe avisar que um photographo havia chegado para lhe tirar o retrato, e pediu-me então a esperasse um instante, enquanto iria "por um pouco de pó de arroz, pois eu", disse ella, "sou como qualquer outra moça: não me considero com a *toilette* feita antes de passar um pouco de pó de arroz na ponta do nariz". Tirado o retrato e tendo ido o photographo, ella me perguntou: "Quer subir commigo e ver o meu quarto?" Aceitei o convite com muito prazer e subimos ao ultimo andar. "Meu quarto não é luxuoso como o de muitas artistas", disse ella. A mim elle me pareceu arranjado com muito gosto. Era pequeno, pintado de branco e com umas cortinas azues ás janelas. Poucos moveis: um *bureau*, *chiffonnier*, *toilette* e uma secretária. Eu penso ter ella notado quão interessada estava eu em ver todas as cousas, pois me perguntou se eu desejava ver seus vestidos. Promptamente respondi que *sim*, e ella em seguida, abrindo uma gaveta do *bureau*, mostrou-me um grande numero de fitas,



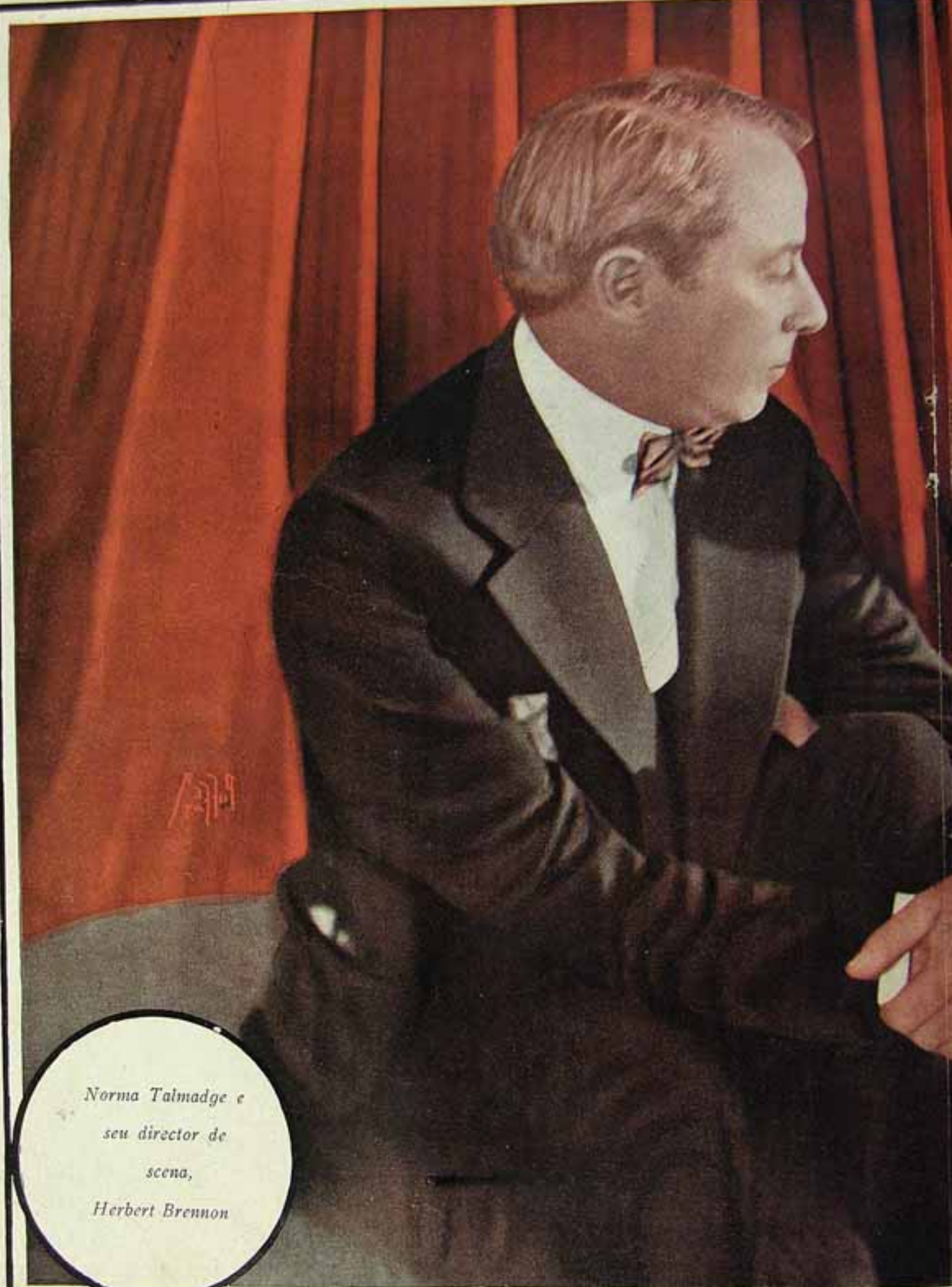


VIOLA
DANA

rendas e véos, cuidadosamente arrumados. Em outra gaveta lindas camisas de crêpe da China, e pyjamas de seda. Depois os vestidos, os chapéus, e tudo do mais chic. Havia meia hora que galestravamos sobre modas, quando notámos que se nos demorassemos perderíamos a *matinée* de um dos cinemas de Broadway. Constance me perguntou a qual eu preferia ir, — se ao Strand, ao Rialto ou ao Rivoli. "Eu penso que será preferível irmos ao Capitólio", disse minha gentil companheira, "pois é um verdadeiro prazer assistir-se a um film neste cinema, tão luxuosas e cómodas são as suas instalações". Fora, na porta, a *buratinha* de Miss Binney estava com o *chauffeur* à nossa espera. "Eu ainda não tenho uma *limousine*, e gosto tanto de automovel que comprei este aqui provisoriamente", disse ella. Passámos em frente a um grande edificio, na Fifty Seventh Street. "Foi aqui que eu aprendi a dançar", Miss Binney disse. "Morava aqui um famoso professor de danças". "Foi sempre sua intenção entrar para o cinema?" perguntei eu. "Não, eu pretendia ser dançarina, porém Winthrop Ames, um director theatrical, viu-me dançar em uma festa de caridade e me convidou a entrar para o theatro, onde eu dancei em *Oh, Lady, Lady!*, quando Maurice Tourneur me viu também e me offereceu logo um papel no film *Sporting Life*. Em seguida trabalhei em *39 East* que foi escripto para mim, e agora a Realart me fez a trella. Prefiro o cinema ao theatro, pois que neste uma artista é forçada a trabalhar continuamente, quer esteja doente ou não. E além disso, é justamente a

noite, quando todos estão cansados, que somos forçadas ao trabalho". Chegámos à porta do Capitólio Theater. Um porteiro veio immediatamente abrir a portinhola do nosso carro, o que me deu a impressão de estar à porta da Opera. Uma jovem bilheteira entregou-nos os bilhetes, sorrindo, pois que por certo havia reconhecido Miss Binney. Atravessámos então uma sala de espera de um tal esplendor que me tornei verdadeiramente deslumbrada: o assoalho de mármore, os ricos tapetes, o tecto lindamente decorado, cinco lustres de crystal de rocha pareciam massas de diamantes, e à nossa frente os largos degrãos de uma escadaria de mármore branco. Por uma porta arqueada entrámos em um salão escurecido, onde se ouvião os sons de suave melodia. Lá, bem distante, na telta, des-enrolava-se um tão colorido. Varios moços em uniformes apparatusos apressaram-se em receber nossos bilhetes. Ell-





*Norma Talmadge e
seu director de
scena,
Herbert Brennon*



pareciam como que os guardas daquelle palacio. Miss Binney a princeza e eu a sua dama de companhia. Nossos bilhetes eram para o compartimento superior. Ao subirmos a escalar a nossos pés mergulharam nos tapetes espessos, sem que o menor rumor fosse ouvido. O tamanho do salão é simplesmente enorme. Parece haver nelle logar para cinco mil pessoas. "Onde arranjarão elles espectadores para encherem todo este theatro?" perguntei a Miss Binney. "Oh, frequentemente não ha um só logar vago". Ficamos para um camarote da frente, onde as cadeiras acolchoadas e enormes offereciam a commodidade de um divan. Os camarotes pareciam todos feitos para principes. Notei

então que a orchestra era tão grande que eu não conseguia contar os músicos. Havia cerca de cem. A musica era maravilhosa, e quando a orchestra se retirou, em um intervallo, um organo era ouvido, brandamente, às vezes, e a momentos produzia sons tão fortes que pareciam estremecer o prédio. Em um dado momento abriram-se as cortinas do palco e uma linda menina e um moço executaram umas dansas em vestuario scandinavo. Isto, eu comprehendí depois, era como que um prologo ao film. Nós havíamos perdido a primeira parte do espectáculo, como eu verifiquei pelo programma: I—Musica pela "Grand Orchestra"; II—Dansa; III—Canto; IV—"Capitol News"; V—Prologo; VI—O film "Guile of Women". Durante o passar do film Constance Binney esteve tão entusiasmada como eu. Rimo-nos nas passagens comicas, e entristecemos-nos nas commoventes.

"Eu sou louca pelo cinema", disse Constance. "Julguei que sendo artista não me interessasse tanto, porém, vejo que o meu prazer em assistir films é o mesmo". Muitas pessoas pensam que podem apreciar um film em um cinema commum da mesma forma que em palacios como o Capitol. E' um puro engano. O silencio, o luxuoso conforto, a orchestra, tudo prepara o espirito e excita os sentidos de uma tal forma que mesmo um film mediocre como *Guile of Women* parece um encanto. A saber, notei umas lampadas no assoalho, ao lado do tapete, para que se possa ver o caminho ao retirar-se no es-



curo. São verdadeiros palacios de films, aquelles cinemas de Broadway. A despedida, Constance Binney me disse: "Agora, na proxima vez, iremos a um theatro". Não me esquecerei nunca daquelle hora passada no deslumbrante Capitol tendo ao meu lado Constance Binney!

Continuam a correr, apesar das denegações repetidas, os boatos de que a Metro vai ser absorvida pela Famous Players. Daquelle empresa desligaram-se já varios artistas cujos contractos não foram renovados. Actualmente, só Rex Ingram está produzindo. Bert Lytell e Viola Dana estão fazendo um giro, apparecendo pessoalmente nos theatros de Marcos Loew, o director da Metro.



ALMA SIMPSON E IRENE VERNON CASTLE

O FILM FORUM

(POR ELINOR DALE)

Não lhe posso aconselhar que tome por profissão escrever para a tela, antes de ter vendido uma novella. Talvez não me agradeça o conselho durante um mez pouco mais ou menos. Mas, certamente não lhe desanimou de escrever historias em suas horas vagas, e, de as sujeitar a exame. A pressão para escrever não é cousa nova, e nunca é signal certo de talento literario. Todos, em uma ou outra occasião, sentem desejo de se exprimir. Póde vir na forma de pintura, e da scena, ou de tocar piano, mas por estarem sempre a mão os utensilios do escriptor quasi sempre o resultado é um esforço para escrever poemas, historias, novellas, ou peças para o theatro ou para a tela. A linguagem parece ser facil de manejar porque é um meio conhecido por todos; mas, dar-lhe a forma de um bom enredo, ou comedia, requer em geral bons utensilios em mãos de mestre. Poetas e autores, principiantes que não conhecem nem a construção da prosa, nem a da poesia, recebem tiras de papel devolvido sufficientes para forrarem um quarto, e então desistem de escrever. O mecanismo de uma peça não é facilmente aprehendido por um novato. A novella é um trabalho longo e tedioso, uma technica propria. A historia da tela, por outro lado, embora carregada de tanta originalidade e cuidado intellectual como uma comedia, ou uma novella, não requer conhecimento especial de nenhuma arte literaria. Desde que tenha uma boa idéa original que possa ser desenvolvida numa historia logica e interessante para a tela, póde escrever o esboço de uma encenação, e um esboço é uma coisa que é necessario apresentar. Por uma historia logica, quero dizer uma historia que não faz os malvados morrerem de molestias do coração, no acto de matar o herde, ou homens mãos reformarem-se repentinamente, tornando-se santos, para concluir o plano. É uma historia interessante é a que possui uma idéa central, com força sufficiente para prender a attenção de uma platêa, e não uma trama de incidentes de experiencia pessoal que parecem interessantes por se terem dado com o autor. Muitas pessoas que nunca puderam escrever uma historia, ou uma comedia, têm idéas que podiam ser utilizadas em encenações, e uma das vantagens da arte silenciosa é poder dar expressão a essas muitas idéas que de outro modo nunca seriam externadas. Nem todos nós podemos ser pequenas Daisy Ashfords, interessando o mundo em historias escriptas aos nove annos de idade. Mas, qualquer, dos nove aos oitenta, tem idéas em pouco semelhantes ás de Daisy, de modo que póde fazer o mesmo: escrever com franqueza, e empregar a imaginação. As vezes o resultado será um scenario de successo. Assim, o conselho que lhe dou é de continuar a escrever. Não perca a coragem por serem rejeitados os seus primeiros esforços. Descobrirá por este meio o que é melhor enviar. E não desista de empregar algum para dedicar todo o seu tempo a escrever, até que descubra o que é apropriado. Se for bem sucedido em ser accedido o que produzir nas suas horas vagas, provavelmente terá muitas occasiões para tomar como profissão escrever para a tela. — THOMAS J. GERAGHTY.

♦ ♦ ♦

PARTIR E QUEBRAR É UM PRAZER PARA A ACTRIZ AGNES AYRES

Agnes Ayres, estrella da Paramount, gosta de assistir a desmontagem dos scenarios nos studios. "Quando scenarios riquissimos são desfeitos a golpes de martellos e machados", disse ella, "com os do meu novo film *The Lane That Had No Turning*, sinto um immenso desejo de auxiliar os scenaristas e carpinteiros nessa destruição impiedosa e barbara. Não quero dizer com isso que tenha um genio destruidor, mas sinto uma fascinação que nem eu propria comprehendendo e que não sei explicar. "Hentem", continuou ella, "estava armado no palco um Castello Medieval que parecia estar ali ha mais de cem annos e hoje encontro uma floresta com leões, leopardos e... jacarés! O Castello tinha desaparecido, como os que eu costumava construir no... ar!"

♦ ♦ ♦

A commissão federal de censura nos Estados Unidos, creada em 1921, calculou em 134.295 dollars as despesas com esse serviço em 1922, mais 64.295 do gasto em 1921. Cada um dos censors percebe annualmente 7.500 dollars de gratificação



BILLIE BURKE

Dana todos...



A vintage advertisement for Clea Lotto. The central image shows a woman with voluminous, curly reddish-brown hair, looking upwards and to the right. She is wearing a black dress with a white, puffed sleeve and a red shawl or capelet draped over her shoulders. She holds a large, plaid bag in her hands. To her left is a table covered with a white lace cloth, upon which sits a small woven basket and a rolled-up scroll. The background is dark and moody, with a red curtain visible on the far left. The entire advertisement is framed by decorative borders: a top border with three circular medallions, a bottom border with three similar medallions, and a central vertical border. The brand name 'Clea Lotto' is written in a cursive script at the bottom left.

Clea Lotto

O que é a "Associated Producers"

A "ARGENTINE AMERICAN FILM CORPORATION" — SEUS REPRESENTANTES ABREM AGÊNCIA NO RIO

Ha pouco mais de anno e meio o mundo da cinematographia atravessava uma seria crise. Os studios productores lutavam contra um serio embaraço para a confecção dos seus trabalhos, influido poderosamente no meio dos exhibidores; notou-se a grande abstenção do publico, que sempre correspondera aos seus esforços, não regateando applausos ás excellencias das pelliculas.

Quaes as causas que poderiam determinar essa alteração?

Seria a falta de argumentos interessantes e variados, as origens dessa fraqueza de produção, ou a situação forçada dos encenadores que lutavam com o accumulo de trabalhos, imposta pelos dirigentes das muitas fabricas que disputavam entre si a primazia no numero, sem attender á qualidade dos films?

Tratava-se, sim, de uma phase anormal em que sempre recaem todas as industrias, quando se entregam a exaggeros intell.

A situação privilegiada das *estrellas* — em cujo redor apenas gravitavam os outros elementos, imprescindiveis a um bom conjunto na technica — foi a causa determinante dessa anomalia. De facto, o que se observava nessa época, era o exagerado apuro em torno da figura ou das figuras principais, sacrificando ás vezes scenas e detalhes sobremodo importantes, que diminuiam o valor de uma obra. Como natural consequencia, os seus themas tornaram-se enfraquecidos, incidindo não raro, em monotónias irritantes.

Espíritos previdentes, trataram os exhibidores de estudar os meios de cohibir os abusos, para o effeito de levantar novamente o credito periclitante da cinematographia. Trataram de oppôr uma efficaz resistencia, de cujo resultado se obtiveram os melhores fructos.

Em verdade, o publico não se contentava mais com a continuidade desse systema, e exigia mais apuro e mais naturalidade na sua realisação.

Era a evolução logica de todos os emprehendimentos e a que não podia escapar a cinematographia, coefferente vantajoso para as grandes visões no mundo da arte e através a multiplicidade de sensações differentes e perfectas que desde seu inicio nos vem deliciando.

Essa minucia de detalhes, os complementos de naturalidade, a harmonia do conjunto — competia exclusivamente aos encenadores a tarefa de os conseguir.

Comprehenderam todos que a época era a dos directores, a cuja orientação artistica pessoal dever-se-iam subordinar discrecionariamente os interpretes.

Attendendo ao appello dos reaccionarios, reuniu-se em Cleveland a memoravel assembléa dos representantes de todos os cinemas americanos. Resultou estabelecerem-se as bases para a criação de uma nova marca que preenchesse plenamen: os fins concluidos em Cleveland.

Surgia a "Associated Producers" reunindo no seu conjunto primoroso as melhores capacidades productivas. E' assim que conta entre elles os nomes mais gloriosos da cinematographia americana, como sejam:

Thomas H. Ince, Maurice Tourneur, J. Parker Read, Allan Dwan, Hobart Bosworth, T. L. Frothingham, King Vidor



SR. AUGUSTO ALVAREZ
GERENTE GERAL DA ARGENTINE AMERICAN FILM CORP.

e Mack Sennett, — todos nomes admirados e festejados.

Dispondo de formidaveis capitães, subordinada á orientação superior de taes individualidades, tinha a novel marca de vencer e attingir em pouco tempo a grandezza que hoje tem.



SR. J. ENRIQUE ARIETA
CHEFE DA FIRMA ARIETA & COMP. — AGENTES GERAES PARA O BRASIL DA ARGENTINE AMERICAN FILM CORP.

A amplitude de sua acção vale agora por uma affirmativa magnifica da capacidade de seus dirigentes, coroando de pleno successo a tentativa realisada.

Entre muitos dos pontos que pretendiam melhorar estava o da produção em

muito menor escala, contendo todavia cada trabalho o maximo do esforço e de recursos de que pudessem lançar mão os encenadores. Poderiam ter uma produção infinitamente superior, caso dependesse disso a fama de uma fabrica; egualar em numero e quantidade seria tarefa muito mais simples.

Entretanto preferiram attender com rigor á qualidade: e por isso concorrem ao mercado apenas com 25 e 30 films annuaes!

Assim a grande acceitação que desde logo revelou mostra-nos, através da critica serena e justa dos norte-americanos, o quanto ampliou os horizontes artisticos do *ecran*. Tudo o que interessa a confecção dos seus super-films, é objecto de acurado estudo; os menores detalhes são postos em evidencia, seu systema de ampla propaganda, que esclarece a attenção do observador, despertando-lhe a curiosidade pelos factos, ora adverso, ora pittoresco — tudo isso veio elevar seus importantes designios.

Sanaram tambem o abuso dos grandes favores concedidos ás *estrellas*, evitando sobresahir o trabalho de um, em prejuizo do conjunto. Cada interprete deve comprehender as responsabilidades da sua actuação, de modo a completar a harmonia e belleza dos trabalhos dessa natureza.

Preenche perfeitamente seus fins a grande *Associação dos Productores* e melhor do que nós, dil-o a estupenda acceitação que alcançou em toda a parte.

Tão brilhantes resultados não podiam passar ignorados dos paizes sul-americanos — emporio importantissimo de films no balanço mundial. Desde quasi seu inicio a Republica Argentina, por intermedio de sua mais poderosa empresa, comprehendendo o alto valor que encerrava a *Associated Producers*, obteve a exclusividade das suas negociações para toda a America do Sul.

A "Argentine American Film Corporation", a grande empresa a que nos referimos, pelo seu illustre Director D. Romulo Nâon, ex-embaxador daquella Republica em Washington, realison o vultuoso contracto e ponde cedo colher os fructos que resultaram de tão brilhante aquisição. Em breve a fama das suas produções ultrapassou as fronteiras, chegando de todas as regiões empenhos e pedidos para a abertura de agências em varios pontos.

O mercado brasileiro, que de algum tempo a esta parte vem sendo esquecido com o apparecimento de boas e modernas fabricas, conta tambem com o concurso poderoso da *Associated Producers*, cuja representação geral está a cargo dos Srs. Arieta & Cia., que para isso já installaram seus novos escriptorios nesta capital, e no inicio do mez de Abril lançará sua linha regular, dos afamados super-films. no Cinema Parisiense, seu primeiro exhibidor.

Labios que mentam, admiravel concepção devida ao genio de Thomas H. Ince, será o primeiro e iniciador de novas éras.

O publico carioca ha de aquilatar de visu a excellencia de suas pelliculas, e do gigantesco esforço despendido na realisação de tão importante tentamen.

Martyrio

"a malley of the mounted"

Film Paramount — Produção de 1921

DISTRIBUIÇÃO

Sargento O' Malley . . . WILLIAM HART
Rosa Lanier . . . EVA NOVAK
Big Judson (Red Jaeger) . . . Leo Willis
Bento Lanier . . . Antrim Short
Scheriff Pedro Hardigan . . . Bert Sprotte
Billy Baldy . . . Alfred Allen

OPINIÕES DA CRÍTICA

Offerece uma boa diversão.

Moving Picture World

Repleto de sensacionais incidentes, Bill Hart faz com que esse film seja interessante.

Motion Picture News

Typico trabalho de William Hart, repleto de episódios sensacionais e motivos emocionantes.

Exhibitor's Trade Review

O que se podia esperar de Bill Hart, enredo apropriado e boa produção.

Wid's

William Hart é extraordinário nesse film, como de costume. Sempre sobrio e commovente. O resto da interpretação muito bom. Bella photographia e lindissimas paisagens. Ha especialmente uma luta nocturna, admiravel. Excelente film.

Scenario — Paris

É um film da Paramount, interpretado por William Hart, consequentemente um grande film. Nelle vemos de novo o admiravel artista e admiravel cavalleiro ostentar todos os dons que lhe crearam uma reputação mundial... O film é muito movimentado com incidentes e scenas pittorescas... Film para o publico.

La Cinematographie Française — Paris.

Ao primeiro clarão da manhã os homens da quadrilha de Bob foram acordados do seu somno pelo estampido de tres tiros de pistola que partiam do valle e avistaram então um solitario cavalleiro que galopava na direcção da sua toca, vigorosamente perseguido por um agitado destacamento de civis. Como, para todos os criminosos, a lei é um inimigo commum, os obsequiosos senhores da quadrilha de Bob deram-se pressa em munir-se das suas pistolas, replicando á ameaça dos perseguidores com tamanha cordialidade que a escolta fez alto, deteve-se um momento em conferencia e deu volta na direcção da cidade. A' hora em que ella se metteu pelo valle e desapareceu no horizonte, a sua victima de ha pouco sopreava o animal defronte do grupo de toscas barracas que davam abrigo aos criminosos.

E aos seus ouvintes interessados, mas incredulos, fez o recém-chegado a narrativa de como havia, sózinho, assaltado o Banco dos Mercadores e Cidadãos de Forked City, de como arrombára pelo só poder dos seus dois pulsos a porta da caixa-forte, de lá retirando cinco mil dollars

que no acto submettia ao olhar pasmo e admirativo dos presentes.

— Uma sopa! — proclamou O' Malley. E que fazem vocês aqui, seus mollezas! Doze homens de pernas cruzadas, e todo aquelle dinheiro, aqui a dois passos, implorando a alguém que o levasse! A cidade toda está apavorada com vocês? Que é que vocês lhe fizeram? Decerto fizeram de papões para toda aquella gente!...

Dentre o grupo dos criminosos abalou-se uma enorme massa de carne que apresentou uma pelluda mão ao forasteiro: — "Toca aqui!" — disse jovialmente o malfeitor. Tira o chapéo e fica um momento commosco. O meu nome é Big Judson e sou eu quem manda nesta tropa, — não é verdade, rapazes?

Os olhos de O' Malley vagaram de um para outro daquelles rostos, rostos brutos, bestiaes, cabisbaixos, mas não descobriu ali as feições que andava procurando. Penetrou-o um grande desapontamento. Seria possivel que se houvesse enganado? Ainda o seu espirito se perdia na duvida,

Parece uma rosa entre ortigas, — pensou, considerando a feminina apparição. Nunca vira nada mais tímido e delicado, salvo talvez aquelles animaesinhos bravos que ás vezes lhe sabiam á picada, nas florestas canadenses. E como era estranho ouviu-a cantar, entre esses homens tismados de peccados, e rir com seu irmão, como se os dois estivessem vivendo em alguma aldeola risonha, numa encosta do valle tranquillo.

Pensar que elle viera para lhe arrancar dos labios as cantigas, e a alegria do coração! E como eram estranhos ás cousas deste mundo: aquelle rapaz de olhar firme e directo, era possivel que elle houvesse matado alguém? Era impossivel! Sem embargo, ao mesmo tempo que se embalsava na esperança de haver seguido uma pista errada, O' Malley sabia, dolorosamente sabia, que havia encontrado o seu homem. Com cousas o confirmavam nessa aventureira presumpção: os trechos de patois que o rapaz inconscientemente intercalava na sua conversa, as referencias



Não deve ser assim a Lei!

quando os seus olhos, á porta de uma das barracas, avistaram o rapaz de que elle andava á caça, esfregando os olhos como uma criança cheia de somno. O homem que tinha por occupação perseguir os seus semelhantes sentiu-se porém pasmo de surpresa quando viu apparecer, ao lado do rosto do rapaz, um rosto tão semelhante ao primeiro que mal bastavam para differencal-o os caracões castanhos que o enquadravam...

— Obrigado, replicou O' Malley, puxando a respiração. Sim, ficarei aqui um pedaço. Além do mais, o meu cavallo está estrompado...

ao paiz do Norte que a irmã logo retinha quando involuntariamente lhe acudiam, o modo furtivo como os dois de vez em quando perscrutavam o valle, receiosos de alguma cousa que não desejavam ver.

Foi o aspecto de Bento, o rapaz, quando enfrentava Red Yager, o chefe da quadrilha, a expressão alterada do seu rosto, as suas mãos cerradas, que acabaram de dissipar a ultima duvida. Com toda a sua suavidade, com todo o encanto das suas caras juvenis, o rosto de Bento — não havia negal-o — era o rosto de um assassino, e O' Malley bem sabia que se o acaso puzesse um revolver naquellas mãos

brancas e lisas, o homem que lhe estivesse pela frente não se riria delle por muito tempo.

— Sou o tutor da minha irmã, disse Bento com firmeza, e o senhor não a apunhará enquanto eu estiver sobre a terra.

— É possível; mas toma tento, qualquer dia destes és bem capaz de estar

nos de mofo dos seus companheiros o impelliram a vingar o insulto:

— Vós te romper as costellas, — gritou e avançou sobre o forasteiro que assim ousava desafiar o chefe da quadrilha do crime. E os punhos cerrados castigavam a carne, quando O' Malley ouviu os gritos da rapariga. Era evidente que ella

comnosco! Mette-te na tua barraca e não te movas de lá!

Rosa ligou os ferimentos do seu defensor, ministrou-lhe caldos, nas horas subsequentes e mil futeis occupaões a fizeram entrar na barraca do ferido. Nessa noite o ferimento com certeza fez delirar um pouco o doente, porque elle sonhou que alguém estava a seu lado na treva; e que uma bocca palpitante de lagrimas lhe roçava as faces.

No dia seguinte, O' Malley não conseguiu escapar ao cativeiro da cama, mas nem por isso lhe passou despercebido um desusado bulício, uma tensão no ambiente do acampamento. Foi então que lhe acudiu o que dissera Judson sobre a excursão de "amanhã à noite". A quadrilha de Red animada pela facilidade com que elle assaltara o banco, ia fazer uma investida contra a cidade! Deitado na sua barraca deserta, O' Malley poz-se a rir:

— A estas horas, com certeza o "sheriff" já encontrou os cinco mil que eu lhe deixei nos bolsos da sella, com o meu aviso de que voltaria de novo — meditou joz. — Foi uma pena pregar esse susto ao homem, mas eu não tinha outro meio de chegar até aqui. Enfim, talvez que o roubo os faça ter mais cuidado! Quanto a este pessoal, ou muito me engano, ou vae encontrar, lá em baixo, uma omissão de recepção à altura...

A meia noite ouviu-os partir, e apurando o ouvido, veio a saber que tinham deixado Bento ali, para que elle guardasse o acampamento. Tinha pois chegado o momento de realizar aquillo para que viera. Estavam agora a sós, — elle e o objecto de sua caça. Muito antes de voltarem os outros, elle podia bater longe com o rapaz, vencida já uma boa etapa do trajecto, de volta ao Canadá! Mas, de repente, contrangeu-se-lhe o coração. E Rosa? Que seria della? Podia acaso deixal-a ali, à mercê de Red Jaeger e dos outros?

Apegando-se já a uma semelhança de excusa, ponderou:

— Depois, como viajar com o braço neste estado? De mais a mais, tenho tem-



Entre o amor e o dever a consciencia oscillava...

mais alto, sobre a terra, do que estás agora! Arranjam-te uma corda de manilha e fazem-te della uma gravata nova! Não te tivessesmos nós deixado vir comnosco, e com certeza já te tinham arranhado esse lindo pescoço. Mas olha lá que a policia montada está no teu encalço, e está para apparecer o primeiro que não lhe caia nas mãos, hoje ou amanhã.

O' Malley ouviu junto de si um suffocado suspiro que mais parecia um soluço, e voltando-se, avistou a menina, Rosa, cujas faces desapparecera todo o sangue, e que tinha os olhos fixos nos dois. Tremiam-lhe os labios vermelhos, e as mãos comprimiam-lhe o seio.

— Espera, Bento, maninhe querido, balbuciou com paixão. — Tem calma...

O' Malley pegou-lhe do braço timidamente. No mundo tetrico da sua existencia não houvera mulheres, e jamais elle imaginara que pudesse ser tão agradável o contacto de um braço feminino.

— Que é que aquelle sujeito quer? — perguntou, e o rosto se lhe cobriu de sangue quando a moça levantou os olhos para elle.

— Elle quer casar com a senhora?

Rosa Lanier meneou com a cabeça que não.

— Mas anda-me perseguindo, desde que chegámos, balbuciou, e o peor é que nem Bento, nem eu, podemos fazer cousa nenhuma!

— Mas, articulou O' Malley framente — talvez haja alguma cousa que eu possa fazer!

Avançou, puxando para o lado o rapaz. Depois, rindo, dirigiu-se a Jaeger maravilhado e disse-lhe:

— A unica differença entre um cachorro e tu, é que o cachorro tem ás vezes actos de nobreza e tu nunca tiveste nenhum!

Red Jaeger espumou de raiva, e os ri-

temia por elle. Essa idéa o penetrou como uma dor suavissima, e os musculos se lhe retezaram desferindo golpes numa furia invencivel.

Quando dez minutos depois os malfetores separaram os dois homens, o braço direito de O' Malley pendia inerte, e a sua camisa se tingia de sangue de um ferimento que Jaeger com a sua faca, lhe



Rosa procura a protecção de O' Malley.

rasgara no hombro. Red Jaeger tinha garras terriveis!

— Atrévdaço! — rugiu Judson, sacudindo-o, como se fosse um rato, na sua formidavel manopla.

— E para te castigar, não irás amanhã

po. O rapaz agora não me escapa mais. Voltarei com a minha preza — é fatal — mas posso bem escolher a occasião que melhor me convier.

Rompia uma manhã cinzenta quando elle

(Continúa no fim da revista)

OS FILMS FRANCEZES

A PROPOSITO D'OS TRES MOSQUETEIROS

Para todos...

A cinematographia franceza, entre nós, já teve o seu tempo... Tão certo, porém, que se deixou lucros commerciaes de certa importancia, como as comédias de Max Linder e Mistinguette, não foi o bastante para consagrar, no *écran*, Huguenet, Le Bargy, Rejane, Signoret, Musidora, Cecil Boreli, etc.

Todos nós, com grande saudade, nos recordamos de os ter visto no theatro francez ou ainda honrando com sua arte privilegiada o nosso Municipal; ninguém, entretanto, será capaz de confessar-se impressionado por qualquer de seus trabalhos filmados.

E porque? Se a França cabia sustentar dignamente a nova arte que ella propria creara, como a puderam vencer logo e até esmagadoramente os americanos do norte?

Andam por lá os criticos, os jornalistas e os patriotas a discutir o motivo. As opiniões se dividem e certamente tudo se esclarecerá no dia em que também respeitáveis capitalistas tomarem logar na discussão.

Então o mercado cinematographico se modificará fatalmente, e teremos de cada qual os seus generos, a sua technica, a maneira dos seus assumptos, como muito intelligente já os americanos do norte começam a praticar, dividindo entre suas fabricas a originalidade dos motivos. E é o que exactamente mais falta á cinematographia franceza. Enquanto todos os outros procuram sua propriedade, os francezes parecem atordoados e tateiam em busca do que não podemos adivinhar.

Em suas produções é flagrante a falta de firme orientação artistica, de escolha de elementos de decisão de vontades.

Rarissimo é o film francez que se pôde gabar de perfeito. Ha sempre nelles todos grandes falhas. A's vezes defeitos imperdoaveis. Coisas que se não explicam perturbam-lhe a belleza. Como exemplos, ainda recentemente vimos em *La cigarette empoisonnée*, na ultima parte, esse brilhante artista que é Signoret chupar um desgraçado cigarro custoso de queimar, e que o deixou para ali, na tela, ridiculamente, a encher e esvasiar as bochechas. E, quando

então, temos de travar conhecimentos com um galã moderno? Dão-nos em cima com um infeliz qualquer, como aquelle que inutilizou todo o trabalho da saudosa Rejane, no film *Miarka, a filha da Urso*.

Por isso, por essas impressões que nunca se apagam, quando fomos ver passar o 1º capitulo d'*Os tres mosqueteiros*, consideravamos intimamente a assombrosa coragem de M. Henri Diamant-Berger. E, como numa ronda, passavam por nós todos aquelles extraordinarios personagens

Os tres mosqueteiros representam, sem duvida, um esforço relevante, que poucos poderão julgar pela serie infundavel de difficuldades que o seu *metteur-en-scene* venceu. Ha nelle longos trechos interessantissimos e curiosos, magnificos aspectos, estupendas realizações de felizes ensaios e surprehende como verdade da obra literaria de Dumas a composição physica e moral dos quatro famosos cavalleiros.

Com effeito, M. Simon Girard, perfeito cavalleiro e habil esgrimista, apenas nos descontentou quando appareceu ás escadarias do Sr. de Treville.

Nessa occasião, tinha o heroe uns olhos e uns trejeitos tão femininos que d'Artagnan delles se envergonharia. Porém foi só. Depois, elle soube se manter imperturbavelmente, assim como M. de Guingand, Henry Rolland e Martinelli, as personalidades que lhes davam seus papeis, sem desmerecerem em nada a perfeição dos tipos que creavam.

De Planchet, Mosqueton, Bazin e Grimaud não ha que dizer senão que o primeiro, exaggerado em sua comicidade, parece juntar ás qualidades que Dumas lhe deu um grande defeito, cuja paternidade

estranhamos — o de ser porco.

Richelieu, bom? Talvez, mas um tanto de opereta.

Treville, admiravel.

Luiz XIII...

Anna d'Austria, Milady Winter, M. Bonacieux não nos interessaram... Seria possivel que naquella época a *maquillage* torturasse tanto as mulheres que lhes fizesse physio-nomias tão duras e inexpressivas?

E a produção da Pathé é uma produção com algumas qualidades, mas com os defeitos que reparamos em todas de sua origem. Cheia de falhas lamentaveis, motivadas pelo criterio de trabalho e orientação, cujo resultado é a vergonha daquella batalha naval, o ridiculo do Bastião de S. Gervasio, a incoherencia do Caes de Bolonha e, o que é mais doloroso, a imprecisão da época nos costumes das damas, vestidas escandalosamente a Henrique IV.

OPERADOR N. 3



M. M. Aimé SIMON-GIRARD
Le Chevalier d'Artagnan



DE GUINGAND
Aramis



HENRI ROLLAN
Athos



MARTINELLI
Porthos

de Dumas, com os seus caracteres tão admiravelmente marcados pela Historia ou pela mão do notavel romancista...

Que de impossibilidades a vencer!

Afinal, concluímos — seria uma pilheria a obra monumental que Dumas espolhiara pelo mundo, ensinando um pouco de historia franceza.

Mas não, nem tanto... O trabalho de M. Henri Diamant Berger não é uma pilheria e nos pareceu logo merecer attenção. E foi assim, sempre attentos, que á semana passada vimos o seu ultimo capitulo.

co, de sorte a tornar-se um dos principais.

Tambem na estréa do film, se os triumphadores perante o publico foram as irmãs Gial, seguiu-se-lhes immediatamente Monte Blue na colheita dos applausos.

A Goldwyn está fazendo actualmente uma serie de films de curta metragem, consagrados ao *sport*, que devem interessar sumamente a todos quantos se dedicam aos exercicios corporaes. Um dos ultimos feitos intitula-se *Self-Defence*, e ensina todos os meios praticos de defesa in-

dividual em qualquer ataque emergente, sem necessidade de recorrer ás armas. Esses films deveriam ser passados em todos os centros de cultura physica. Os nossos clubs sportivos não se tentarão?

LUCILLE RICKSEN tem actualmente 13 annos de idade e é já veterana em cinema. Muito bonita, muito talentosa, muito applicada a joven artista, que já ganha apreciavel quantidade de dollars semanalmente, tem um lindo peculio no banco, é proprietaria de um automovel, está destinada a ser uma das grandes estrellas da tela.

MONTE BLUE foi sempre considerado um regular artista. Honesto e mediocre, classificaram-n'o varios criticos. Quer em papeis medianos, quer em outros de maior responsabilidade, elle desempenhava-os bem, porém sem maior relevo.

Agora, porém, apparece a Monte Blue uma oportunidade. No film de Griffith, *As duas orphãs*, Monte Blue teve á sua conta o papel de Danton, e foi uma revelação. A critica norte americana não lhe poupou elogios pela magnifica interpretação. O papel de que o encaregára Griffith, simplesmente episódico a principio, foi, tanto agradou ao eminente director o seu trabalho, se desenvolvendo a pouco e pou-

A marca do ferrete

"The Branding Iron"

Film da Goldwyn — Produção de 1920

DISTRIBUIÇÃO

Joanna Carver . . .	BARBARA CASTLETON
Pierre Landis . . .	JAMES KIRKWOOD
Pae de Joanna . . .	Russell Simpson
Jasper Morena . . .	Sydney Ainsworth
Mrs. Upper . . .	Marions Coloin
Maude Upper . . .	Joan Standing
Prosper Gad . . .	Richard Tucker
Reverendo Frank Holliwell . . .	Albert Roscoe
Wan Ho . . .	Louie Cheung

OPINIÕES DA CRÍTICA

A marca do ferrete é uma produção de primeira ordem, como intensidade de acção e extraordinário interesse dramático.

Moving Picture World

Photographia esplendida e direcção magistral, combinadas com perfeita acção, fazem deste film uma das grandes produções do mez.

Exhibitor's Herald

Historia de paixões primitivas explora das talvez excessivamente.

Motion Picture News

O thema predominante d'A marca do ferrete é a paixão primitiva, o sentimento animal; isto dá a esse film uma força de expressão e uma intensidade dramática inigualáveis. Situações empolgantes conservam os sentidos do espectador suspensos, nunca afrouxando. O detalhe brutal da marca a ferro em brasa é particularmente emocionante.

Exhibitor's Trade Review

— Faze favor de não me sahir aqui do terreno, — ouviste? Quantas vezes será preciso dizer-te que não te quero, feito uma cabrita, a correr pelos bosques, ou pelos arraiaes?

O velho dirigia á pequena estas palavras, agarrando-a pelos hombros, fazendo-lhe sentir os dedos longos, nodosos, ossudos, a enterrarem-se-lhe pela carne tenra. Mas Joanna não se deixou intimidar.

— Então não tencionas deixar-me nunca sahir daqui, papae? — perguntou desesperada, toda a preocupação de prudencia suffocada pelo espirito de revolta que lhe agitava o coração.

A pequena chegava a cerrar a mão franzina, na antecipação de apagar algum bofetão, mas ao mesmo tempo sentia um vago impeto selvagem de retribuir qualquer aggressão a que se abalançasse aquelle velho cruel cujos olhos nunca lhe haviam sorrído. Que olhos! Faziam-lhe lembrar olhos de lagartos, com aquellas palpebras encarquilhadas e as rugas que os arrepanhavam aos cantos.

— Ficarás aqui, como te digo. Não te quero longe daqui, nem um minuto! — replicou — Deixasse-te eu á solta e darias no mesmo que tua mãe, uma maluca assanhada, sempre prompta, dia e noite, a vadiar! Mas não lhe seguirás o exemplo, fica tranquilla! Nem que eu tenha de te rebentar as costellas, todos os dias!

Afastou-a com violencia e sahiu. Pela janella, Joanna avistou-o, a subir a montanha, na direcção do bosque de carvalhos, para a faina da lenha.

Alterou-se-lhe, num soluço, a linha graciosa do pescoço.

— Nunca fui a parte alguma! Nunca vi cousa nenhuma! — exclamou, imprestando o quarto tosco e sujo. — A minha vida é só isto: dia e noite, ora aqui, ora no terreiro, um empurrão para cá, outro para lá! Sempre mãos tratos, sempre más palavras! Não, positivamente não aguento isto mais!

Bateu com o pé no chão, limpou com a manga as lagrimas do rosto, deixando uma laivos sujos nas faces e no braço. Depois, ficou a olhar, pela vidraça empoeirada, a figura magra do pae, que se apagava ao longe.

— Já disse isto um "bandão" de vezes, — assignalou com tranquilla intensidade, — mas desta vez não recuarei. Vou-me embora. É a unica cousa que tenho a fazer!

Pegou num balde, sobre um banco, a um dos cantos do quarto, vazou um pouco d'agua numa bacia, e lavou o rosto. Mirou-se num caquinho de espelho, concluiu que ainda podia melhorar o frontespicio, e logo passou meia duzia de vezes no cabello um pente desdentado e arrepanhou-o num coque, por cima da nuca. Apanhou, detraz de uma cortina, um avental de riscado, de mangas longas, razoavelmente limpo, e passou-o por sobre os miseros trapos que a vestiam. Uma boina simples rematou a toilette.

Mala para fazer não tinha, pois quanto constituia o seu guarda roupa estava em cima della. Transpoz a porta, lançou um olhar assustado para o lado dos carvalhos, e metteu-se pelo atalho que descia a montanha.

Na noite seguinte, numa pequena villa, algumas milhas distante, os pensionistas da Sra. Landire, reunidos á mesa para o jantar, tiveram uma grande surpresa quando viram sahir da cozinha Joanna, trazendo numa das mãos uma travessa de comida. Eram homens rudes, lenhadores, peões, cow-boys, e para elles uma rapariga era sempre objecto de maximo interesse. Embaraçada e nervosa pela attenção que lhe exigiam as suas novas funcções, Joanna nem respondeu ao amavel acolhimento que lhe foi feito. Naquelle parte selvagem do paiz, uma rapariga, sobretudo uma rapariga bonita, constituia uma verdadeira raridade, e a presença daquella pequena, que se enchia de rubor por tudo e evitava os olhares de todos, accendeu a aspiração que dorme no intimo do coração de todos os homens que vivem como aquelles viviam vida solitaria: — o amor de uma mulher, a presença de uma mulher no rancho da montanha, ou na região onde andassem, na derrubada das arvores.

Os dias foram porém passando, sem que os grandes olhos castanhos de Joanna favorecessem nenhum delles. Desapparecera porém o medo que a principio lhe faziam, e até sentia um arrepiozinho de prazer pela sensação que entre elles causava.

Mais tarde succedeu Pierre Landis descer do seu rancho na montanha. Quix o acaso que a necessidade de proceder a uma refeição o levasse á casa da Sra. Landire, e foi assim que elle viu Joanna.

A sua corte foi rapida, violenta, pertinaz, porque Pierre Landis não sabia ser

paciente, nem subtil, nem ponderado. O seu bello rosto, o seu corpo alto e esbelto davam a impressão immediata de uma força vibrante. Joanna assim o sentiu, e tre-



— Faze o favor de não me sahir de casa...



Vivera sempre entre as montanhas...



Entre as nevadas da montanha...



Agitada, incerta de si mesma...

meu quando lhe viu os olhos ardentes, fixos nos seus. Depois Pierre pediu-lhe — exigiu-lhe, para melhor dizer — que casasse com elle, e levou-a da pensão á barraca do Reverendo Frank Holliwell, dali a conduzindo directamente ao seu rancho, na montanha.

E os dois poderiam ter sido idealmente felizes, não fôra o pae de Joanna haver implantado no coração de Pierre a semente do ciúme.

Descobrimo que Joanna, ao fugir, levava a direcção do povoado, o velho Carver ali veio a saber do seu recente casamento, pelo que logo resolveu ir em visita ao rancho de Landis.



E's minha esposa e eu saberei guardar-te.



Num rancho do valle...



Pierre cahira sem um movimento...



A minha vida é só isto...

— Tenha olho com essa pequena, — aconselhou ao joven esposo. A mãe della era ruim como cobra — uma serigaita, buliçosa como um azougue, sempre agitada, sempre ansiosa de ver gente nova, cousas novas. Por fim, foi-se embora com um sujeito que ali appareceu. Esteja alerta, que Joanna é bem capaz de fazer o mesmo!...

Mas Joanna não dava mostras de semelhante desasosiego, nem descontentamento. Para ella, nada havia de melhor do que aquella barraca confortavel e bem construida e o maravilhoso amor de Pedro que lhe puzera novas rosas nas faces e lhe povoava a alma de canções.

Pierre sentia-se tambem feliz. Quando trabalhava na cordilheira, era-lhe sempre um delicioso consolo a idéa de que em breve estaria de volta á casa e encontraria Joanna, a sua mulherzinha, esperando-o com um sorriso e um beijo, e a panella a fumejar, cheia de boa comida, prompta a vir para a mesa. E lamentava sempre a sorte dos seus camaradas, que dormiam todos em commum, num barracão distante, onde não havia alegria, onde não havia sequer um vestigio de conforto. Lamentava-os de todo o coração, mas não os convidava para a sua barraca, porque queria Joanna para si, só para si, toda para si.

A unica pessoa que os visitava era o Reverendo Frank Holliwell, que os casara, — um desses robustos pastores d'almas, de amplo espirito, que escolhe para o seu trabalho as fronteiras remotas onde se apaga a influencia benéfica da civilização. Joven, rico de saúde e entusiasmo, cavalgava pelos montes afóra, ou penetrava pelas florestas, conversando com os trabalhadores, promovendo reuniões em que á palavra de Deus alliava conselhos de bom servo e inspirações da boa amizade que o ligava aos seus semelhantes.

Pierre acolhera affectuosamente o Dr. Holliwell na sua primeira visita; mas, quando o interesse do pastor por Joanna se traduziu por uma offerta de a pôr a caminho da educação que ella tanto desejava possuir, tornou-se a fronte de Pierre, numa expressão de tristeza.

— Para que é que tu queres educação? — perguntou elle a Joanna. — Como mulher sabes o que é preciso, e eu me contento perfeitamente com o que tu sabes.

— Ah, Pedro, se tu soubesses como eu desejo saber! — foi a triste resposta. — Depois, se eu fosse instruida, havia de querer-me mais. Poderíamos ler, discutir o que lessemos nos livros, e assim aprenderíamos ambos! Não que tu precisas — apressou-se de emendar; — ao contrario, tu sabes tanto que ás vezes até me envergonho, porque mal sei ler e escrever!

— Está bem, minha filha. Se é assim, faz a tua vontade: vê lá o que consegues aprender.

Mas Pierre accedera de má vontade.

O espirito faminto de Joanna lançou-se sobre quanto o Dr. Holliwell preparara para as lições iniciais, deixando o mestre pasmo pela sua extrema facilidade de apprehensão. Compreendeu logo o pastor, que tinha a seu cargo uma mentalidade não vulgar e confiou a Pierre a sua descoberta. Os louvores de sua esposa instigaram porém as apprehensões que, no seu espirito, havia semeado o velho Carver. Deu então em observar sua mulher, com um crescente rancor pelo seu frenesi de estudo, e até se arranjou por forma a assistir muitas vezes ás lições, afim de que lhe não escapasse a attitude do professor e sua discipula. Mas a amizade innocente que os ligava, elle não a podia tolerar. E Pierre começou a ficar triste, deu depois para beber...

Preocupada com o mudança de Pierre, cuja causa ignorava, Joanna enterrou-se mais e mais nos seus estudos, nas suas leituras. O outono passou, despiu as arvores das suas folhas amarellas e vermelhas, deixou os pinheiros sómente, a triumpharem sobre a paisagem que os ventos varriam com força. Depois foi a neve, a descer dos altos cumes, a vestir de branco as encostas dos montes.

— Vamos ficar os dois sozinhos aqui, todo o inverno? — perguntou Joanna, olhando aquelle infinito lençol branco que accentuava o seu isolamento melhor do que jámais o fizera o verde da terra, nos breves mezes da primavera.

— E por que não? — retorquiu Pierre.

— Pensei que não tendo tu agora occupaões na montanha, podíamos descer até Dagwood Junction e passar lá o inverno. Teríamos alguma coisa que ver, fariamos relações com algumas pessoas, podíamos ir á igreja, divertir-nos um pouco, de vez em quando. Seria uma mudança agradável para nós ambos, e a despeda não seria grande...

— Não, não seria, mas de todo o modo, não iremos, — disse com dureza. — Estás então agora com essas idéas de viajar, de fazer relações, de ver cousas? A minha companhia não te serve mais?...

— Ah, Pierre! Como tens coragem de dizer semelhante coisa! — exclamou Joanna — Pensei apenas que seria uma mudança, de que tu proprio gostarias. Pelo amor de Deus, não te zangues commigo!

Lançou-lhe os braços ao pescoço e em breve o teve noutra disposição; mas a convicção de que Joanna desejava outra companhia, afóra a sua, continuou a alimentar o ciúme de Pierre.

No dia seguinte, inadvertidamente, Joanna despertou-lhe a colera de novo. Descansando o livro que estava lendo, Joanna observou:

— Com certeza, o Dr. Holliwell, com esta neve, não poderá vir hoje.

Pierre serviu-se de um calice de whisky, antes de responder:

— Sim, é mais provavel que não venha. Achas que poderás passar sem elle? — disse, com um feio clarão nos olhos.

Joanna havia começado a atizar o fogo e não observou a expressão do rosto afoegado do marido.

— Decerto que posso. De mais, elle deixou-me tantos livros para ler! Mas a sua habilidade de mestre facilita-me tanto o trabalho, que aprendo muito mais depressa quando elle vem aqui.

— Tens-lhe então muita estima, não é verdade? — disse Pierre num tom que provocou, da parte de Joanna, um olhar de medo. — Ha muito tempo que se me mettu na cabeça que tu andas embebedada pelo pastor, e que afinal é mesmo como teu pae me disse: em ti, não ha que fiar! Mas fica descansada que não te deixarei ser como tua mãe foi! E's minha esposa, e eu saberei guardar-te para mim, ou viste?

— Pierre, que tens? Que é isso, Pierre? — exclamou afastando-se delle. Viu então como a paixão alterava as feições do marido; os olhos pareciam querer sahir-lhe das orbitas, ao mesmo tempo que as mãos se lhe cerravam nervosamente no vacuo, tremulas como as de um paralytico.

Proseguiu delirando, e a sua voz era agora um grunhido rouco. De repente arrancou de um ferro de marcar pendurado na parede e mettu-o no fogo. Foi só quando elle a agarrou, e lhe rasgou pelos hombros o vestido, e lhe amarrrou as mãos ao lado do corpo, que Joanna comprehendeu.

(Termina no fim da revista)

AS DUAS ORPHÃS

A imprensa norte americana vem cheia das mais entusiasticas referencias ao novo film de Griffith, de que longamente se occupou nestas paginas Helio Lobo, em passado numero. *As duas orphãs*, interpretadas pelas irmãs Gish, constituirão talvez o maior successo cinematographico de 1922. Na nesse film, assegura a critica, detalhes geniaes que só um grande director, como esse extraordinario artista da cinematographia, conseguiria realisar. A scena da prisão de Henriqueta, durante a revolução, entregue aos seus carrascos pela voz da sua irmã, inconsciente na sua cegueira, é uma obra prima de dramaticidade. O grande director de scena allemão, Ernest Lubitsch, viu esse film em New York e delle disse:

"Foi com o mais vivo interesse que fui apreciar a primeira exhibição da obra prima de Mr. Griffith, *Orphans of the Storm*. A direcção artistica de Mr. Griffith em *Broken Blossoms* já produziu em meu espirito a mais profunda impressão e a visão de seu novo trabalho levou ao auge a minha admiração por elle. Eu não me interessei somente com a construção scenica, sua insuperavel perfeição no manejo das grandes massas de povo, nas grandes scenas, altamente efficientes, mas ainda nos menores, nos mais insignificantes detalhes, que como director de scena pode convenientemente apreciar. Griffith possui uma extraordinaria personalidade que não se deixa embaraçar pelos convencionalismos e é esta a qualidade que maior admiração me provoca a sua arte. Tive o maximo prazer em travar conhecimento pessoal com as irmãs



EDMUND LOWE

Gish. Raras vezes, com effeito, tenho visto duas artistas que tão idealmente trabalham como Dorothy e Lillian. Tive tambem muito gosto em rever meu velho amigo Joseph Schildkrant no excellente papel que desempenha. Não me congratulo somente com Mr. Griffith e seus artistas, mas com toda a industria americana, por esse magnifico successo."

WINIFRED VERINA, com 21 annos de idade, dançarina, olhos azues, cabellos louros, 1,70 de altura e 60 kilogrammas de peso, foi escolhida em recente concurso aberto por George B. Seitz, sob o patrocínio da Pathé N. Y., como a mais bella rapariga dentre as que se apresentaram e immediatamente contractada para trabalhar com Charles Hutchinson. Foi alumna da Pawlova e com ella fez varias excursões pela America do Norte e pela do Sul.

On the Jump é a comedia para a Pathé, posada por Harold Lloyd, que acaba de ser reeditada em virtude dos insistentes pedidos dos exhibidores, que cada vez mais procuram os trabalhos desse comico, que é o unico a rivalisar com Carlito. Bebe Daniels figura nella.

Com Irene Castle no film (3 rolos) da Pathé N. Y., *Sylvia of the Secret Service*, trabalham Elliott Dexter, Von Stroheim, Macey Harlan, etc. A direcção é de George Fitzmaurice.



MAE MURRAY

MARTYRIO (FIM)

acordou ao som de vozes que ecoavam dentro da sua barraca.

A frente do bando de criminosos, Red Jaeger, o rosto contrahido numa expressão de horrível triumpho, dizia apontando-o com um papel.

— Foi elle que fez a cousa! E' um traidor... um espião!

O' Malley tentou levantar-se na cama, e olhou, um após outros, todos aquelles semblantes perversos, em que se lia a suspeita nefanda, a ameaça tremenda:

— Mas afinal, o que ha? — perguntou com a fria attitudão, com a calma singular que sempre lhe infundia o perigo.

E que havia perigo, era bem claro. Elle o comprehendera claramente antes de Judson falar, — um perigo tão grande como os maiores que elle tinha talvez encontrado nos seus annos de aventuras.

— Ha apenas isto, replicou Judson com acrimonia; é que hontem á noite fomos doze á cidade, e só sete voltaram de lá. Os demais, despachou-os para a morte algum miseravel traidor que deu aviso ao "sheriff" sobre a hora exacta do assalto, e sobre o numero dos que iam commigo. O que agora estamos apurando é quem foi esse maldito traidor. Já lhes disse o meu pensamento, — proseguir Red Jaeger, humedecendo os beiços com a sua grossa lingua. Aqui está a carta que encontramos na bolsa da cella do "sheriff"! Perguntem-lhe se foi elle que a escreveu, se a carta não dá aviso de que elle voltará. Conto de facto voltou hontem á noite, e lá chegou e nos denunciou antes que lá chegássemos!

— Alto lá, Judson, exclamou o ferido, indignado com as accusações do bandido.

— Mas este nome...

O' Malley, aquelle pedacinho de papel amarrado, repetiu.

— Foste ou não foste tu quem escreveste isto?

— Sim fui eu, mas não vos denunciei! Não me movi daqui toda a noite de hontem!

No rosto dos criminosos lia-se bem que elles nem estavam convencidos, nem se convenceriam, e que portanto de nada valeria a O' Malley dizer a verdade sobre a sua presença em meio delles e o ardil de que se havia valido para tal.

Declarar que era de Policia Montada, quando não havia ali um só que não tivesse bons motivos para se arrecear delles? Depois, por pouco não riu, quando ponderou que isso talvez fosse a melhor solução do problema. Se o matassem — e não havia um clarão de piedade nos olhos dos rebeldes — estaria elle livre da obrigação de levar consigo o sapar e Rosa.

Numa onda negra, desappareceram aos seus olhos os semblantes hostis. Rosa! — pensou. Agarrou-se fortemente ao leito, no impulso instinctivo de esconder aquelles miseraveis o terror que o dominava. Era a primeira vez que sabia o que era medo, em toda a sua vida. Rosa... era tão linda, era tão agradável tocar-lhe! Se elles o matassem, teria que perder Rosa!

Durante o longo dia em que, encerrado na barraca, aguardou a deliberação dos criminosos, O' Malley reflectiu muito. Era então por isso que para elle, até aquelle dia, nada valia a vida que sempre lhe ligara tão pouco apreço? Era nisso então que tinha consistido a sua bravura? Seria possível que só a... fosse dar a descobrir o valor de vida, a... que ia perder a? Gostava Rosa della vivente, ou era apenas uma estúpida... sua parte, essa esperança de se fazer amar pela moça sendo... elle... não se tratava, e

Dara todos...

ella, uma flor da juventude, radiosamente linda, estuante de frescor e de vida?

Foi uma noite negra, como a primeira que passara entre as montanhas, essa outra em que o foram buscar á barraca e o levaram para fóra até junto de um páo-ferro frondoso, onde o deixaram amarrado, o rosto voltado para o Oriente.

— Assim poderás ver nascer o sol, — casquinou Red Jaeger, escarnecendo do silencio da sua victima. — Quando elle apparecer, desappareces tu, — e apontou lugubrememente para o pescoço de O' Malley.

Bem sabia este quem trahira a quadrilha e lhe atirara as culpas, mas nada respondeu. Elle era daquelles que jámais despendiam a sua colera: se lhe podia dar uma rápida expressão, muito bem; mas desta vez era impossivel, e as horas da noite iam passando!

Encostou-se á arvore defeito, vigilante, mas nenhuma esperança lhe restava. Os outros dormiam agora, inclusive Jaeger, que assim se privava de algumas horas de secreto jubilo pela perspectiva da vingança. O' Malley procurou encaminhar o seu pensamento para a imminencia da sorte que a aurora nas suas azas rapidas ia trazer ao seu encontro, mas bem longe disso surpreendeu-se a pensar em Rosa, das cousas que lhe diria se a sua vida não houvesse sido inimiga do amor, das cousas que agora não lhe poderia dizer, quando mesmo, por algum milagre, escapasse da morte. Pois não era elle da Policia Montada? Não jurara que não toleraria obstaculo algum no caminho do seu dever? Não jurara levar o homem que tinha vindo prender?

Depois, quando os primeiros clarões do dia novo mancharam o horizonte dos primeiros lavos de ouro e púrpura, elle sentiu cabitem frechas as corolas...

rasgavam os pulsos, ao mesmo tempo que lhe eram, aos ouvidos, ciciadas estas palavras:

— Conserva as mãos como estavam. Finge que estás amarrado, e põe os olhos em mim!

Elle não a viu, mas sabia que era Rosa. E porque agia ella desse modo? Sem dúvida porque tinha nelle a sua fé, porque sabia que elle não havia representado o papel de um villão. E, só isso dava-lhe mais contentamento do que o que aquella esplendida dadia de vida. Ao clarear do dia, a quadrilha foi despertando e logo se lançou nos seus preparativos sinistros. Judson debatia-se numa visível impaciência. Soou por traz delle o ruido de uma enxada a revolver a terra e alguém que elle não podia ver agitou uma corda por sobre um tronco que lhe passava ao alto da cabeça.

O que se passou depois foi tão rapido que baldado fôra tentar qualquer intervenção; um cavallo disparado, montado pela rapariga, perpassou como um raio junto da arvore, e de um salto, o sentenciado galgava a sella, por detraz da rapariga. Antes que os malfeteiros na confusão da surpresa pudessem desamarrar os seus cavallos e pôr-se em andamento, já o rumor das patas do cavallo lhes mandava, bem longe no valle, uma como que risada escarminha.

— Bento! — chamou alguém. Mas a barata estava vazia. O cavallo de Bento desertara os companheiros. E algures, na aurora fresca que se tingia de escarlate, tres cavalleiros avançavam na direcção das cidades, onde os criminosos não se aventurariam a entrar.

Um dos cavalleiros trazia porém grandes dores no coração. Breve, muito breve, elle tinha que articular as palavras que sonariam nos olhos de Rosa aquella cla-

ração felle e atirariam a corda sinistra, de que ella o salvara, ao pescoço de seu irmão. Por isso se conservava O' Malley em silencio ao atravessar com os companheiros os arredores das cidades, onde apenas se pagava para comprar algo de comer e dar descanso aos animaes. Nessa noite, porém, quando Bento dormia, longe das sombras da fignicia que tinham armado no seu acampamento, o policial procurou Rosa e, timidamente, disse-lhe:

— Tenho a impressão de que tô dei valor á liberdade no dia em que me vi prisioneiro, só ainei a vida quando senti tão perto de mim, a morte! Exquisito, — não é?

— Bem posso avaliar, disse ella, — e estremeceu num arrepiado, arrimada ao braço de O' Malley.

— Avalio porque...

Hesitou ainda um momento, mas depois deixou irromper levemente as palavras, como se já não lhe fosse possível represal-as por mais tempo dentro da bocca.

— Vou te contar uma coisa, — uma coisa a respeito de mim e de Bento. Elle e eu sabemos bem — juro te — que é viver em continuo receio, sempre alerta, sem saber quando o bote horrivel nos ha de colher finalmente. Não vê que nós moravamos no Canadá, e havia lá um sujeito...

O' Malley não poderia explicar de que modo o seu braço enlaçara a rapariga. O certo, entretanto, é que a cingia affectuosamente. E como ella tremesse:

— Conta, conta-me tudo! Quero saber de tudo, — insistiu em voz grave.

Era uma historia triste, bem tristemente contada. Bento fizera o que qualquer outro teria feito a quem roubasse a honra a uma mulher que era do seu mesmo sangue. A vingança chegara infelizmente tarde, porque a pobre moça se matara antes de vel-a consummada! E a Lei, a Lei que

não attingia Victor La Grange pelo seu crime, considerava um assassino o vingador.

— E achas que vai succeder o que se diz por ali? — perguntou numa supplica — que a Policia Montada dava caça a Bento por toda a parte, e irã de continente a continente, se preciso fôr, até o agarrar? Bento não agiu por perversidade; fez o que tinha que fazer, — não lhe parece? O seu acto preservará outras meninas da sorte igual á que teve a minha pobre irmãinha!

A rapariga soluçava no seu hombro, e o desejo de O' Malley era tomar-lhe a cabeça nas mãos e beber-lhe as lagrimas nas faces. Mas permaneceu immovel, os olhos cravados na escuridão.

— Não, nada receio, respondeu; e cada palavra era de per si um esforço, pois bem sabia elle que estava sacrificando tudo quanto tinha, tudo quanto jámais tivera:

— Não se apouquentem mais os dois! Podem ficar tranquilos, — juro-te!

Elle sentiu-se confortada como uma creancinha a quem se diz que o papão se foi embora; mas o terror lhe voltou aos olhos, ás palavras que logo depois pronunciou o policial:

— Rosa, amanhã vou me separar de ti!

— Oh, não! Por misericórdia, não!

— Implorou, apertando-lhe nervosamente o braço.

O' Malley cerrou os maxillares com força. Mais difficil do que todos os casos difficeis que elle jámais realisara, era separar-se desta rapariga sem fazer a confissão que o seu coração lhe exigia:

— E nunca mais te verei, O' Malley? Nunca mais nos veremos?

O pronome revelador cabiu na placidez

da noite com o suave clangor de sinos argentinos.

— Sim, — reflectiu. Se eu puder voltar, voltarei, e te encontrarei de novo, porque não ha ninguém que me exceda em encontrar a quem procuro. Mas o futuro não me apparece claro, Rosa. Vejo escuro, como esta noite de hoje e acho melhor que não contes commigo.

Durante toda a noite, os olhos abertos, O' Malley aguardou o advento de uma nova aurora. Tinha a impressão de que nunca mais lhe havia de ser possível dormir; o somno era para as pessoas felizes, para os que tinham sido fieis á sua fé, para os que não tinham penas no coração. E demais, cada vez que elle interrogava honestamente a sua consciencia, reconhecia que a sua afflicção não vinha tanto do dever que não cumprira como do receio de que o prendessem, e assim o separassem della.

Ao amanhecer, levantou-se, num movimento brusco, deteve-se um momento a contemplar a belleza da moça adormecida na concha flaccida dos seus cabellos soltos, e voltando os calcanhares poz-se a caminhar na penumbra da manhã, sem se animar a despedir-se.

Mas o chefe de policia montada não prendeu a O' Malley por desobedecer propositadamente ás suas ordens e faltar ao juramento. Ouviu pacientemente a historia de Rosa Lanier, repetida sem artificio nem emoção por aquelle homem pouco affeito ás artes da palavra.

— Não tive animo de fazer o que devia. Não tive, porque senti que no caso de Bento eu teria matado o miseravel, como o senhor teria também! Acho uma farsa esta de prender um homem porque elle fez o que era direito! Póde ser lei, mas não tem senso! Sei porém que mereço castigo, e aqui estou para recebê-lo!

Cravaram-se nelle os olhos do chefe firmemente:

— Não ha lugar, nesta corporação, bem sabes, para os que se detêm no cumprimento do dever!

O' Malley puxou um papel dobrado sobre a secretaria do chefe:

— Bem sei; por isso trouxe aqui a minha demissão. Poupo-lhe assim o trabalho de pedil-a. Mais nada? — concluiu.

— Só isto! redarguiu o chefe, estendendo-lhe a mão.

Gravemente, os dois homens enlaçaram as mãos.

— O' Malley, tens o direito de saber por aquella porta como sempre aqui entraste, — o peito erecto e a cabeça alta. Adeus, meu rapaz, se feliz!

Tres dias depois, despido o seu uniforme, O' Malley e Rosa contemplavam a agua esmeraldina, esbraseada pelo sol nascente. O' Malley viera directamente onde ella estava, como fazem os passaros quando voam. Entretanto nem elle sabia que estradas percorrera para chegar ao seu destino. De resto, do passado, do futuro, nada lhe importava. Agora bastava-lhe possuir o presente, e sentir que todas as más estradas que elle percorrera, todos os annos solitarios que elle vivera, o haviam finalmente trazido até onde fulgiam a agua esmeraldina e o sol nascente, onde fulgia para gloria de sua vida o amor da sua Rosa!

LABIOS MENTIROsos

(FIM)

Nance, a philosophia que ella parecia haver creado, o encolher dos seus hombros indifferentes.

— Nance é uma desiludida, — desiludida pelo cansaço! Foi sempre uma lou-

ca, uma formosa louca, e vivera sempre num formoso passeio de louca! Blair Cornwell é o homem que lhe convem: elle lhe ensinará a ser moça.

Na ultima noite da vinda de Nance, os Prospects deram um baile em honra da sua encantadora sobrinha. Fora além do que podiam, não só porque realmente lhe queriam e tinham orgulho della, mas também porque calculavam que nessa festa tivesse o desfecho desejado o caso de Blair e Nance.

E teve-o, de certo modo.

Era uma noite esplendida. As estrellas brilhavam destacadas umas das outras, formando pequenos lagos de ouro solitario num céu desusadamente negro. O ar estava carregado de balsamos, de essencias odorantes. Parecia perpassar no ether o ruflar de azas impalpaveis.

Blair pediu a Nance que desse um passeio com elle, na sua canoa.

— Esta noite foi feita para isso — supplicou — e para si e para mim!

Nance sentiu receio do convite mas accellou. E' tão ragadavel fazer aquillo que se não deve fazer! Depois, era impossivel deixar de ceder á alegria que a dominava, producto sem duvida desta terra virgem maravilhosa, povoada de aventuras, povoada de homens, — de verdadeiros homens, de homens cheios de vida — de homens como Blair, — fortes, efficientes e sãos.

Mas o passeio de Nance foi assignalado por um pequeno accidente. Cruzando velozmente o rio, a canoa de Blair deu contra uma pedra e abriu agua, o que obrigou o mancebo a carregar para terra, nos seus braços, a sua formosa companheira. Quando a pousou no chão, puxou-a para si amorosamente e disse-lhe:

— Não posso; é superior a mim, Nance. Agora sei alguma coisa de si, e porque o não sabia até agora, não falei mais cedo. Pensei que a senhora não era da mesma especie que eu sou, que Deus não a havia feito para mim. Agora sei que não é assim. Já não me importa saber se a senhora é ou não da minha especie. Agora sei que Deus a destinou para minha mulher, e isso é o que importa, e isso é só o que importa! Confirme-o, Nance, confirme-o, — supplico-lhe!

Nance perdeu a sua noção de bom humor, a unica coisa que a podia ter salvo, em presença daquellas estrellas rissonhas que se tinham liquefeito no céu, em face daquella colera primeira que rugia em todo o seu sangue apressado.

— Confirmo-o, sim! — respondeu, trememente. Confirmo-o, Blair!

— Deus te abençoe, Deus te abençoe adorada, por essas palavras magicas!

E beijou-a sobre os labios resequecidos, sobre aquelles olhos cerrados em que se agitavam mil visões, sobre as ondas daquelles cabellos de seda mysteriosos.

Londres, as dividas, a mercenaria mão que Deus lhe dá, seu pai tão mesquinho vulgar, William Chase e as minas de carvão, — tudo isso pairava agora longe, bem longe; tudo isso parecia não ter, nunca haver tido importancia! E o dia de amanhã parecia também remoto, bemaventuradamente remoto.

Nessa noite, Leila, que talvez mais do que nenhum outro convidado observara a prolongada ausencia dos dois, fez questão de tornar a falar a Nance.

Disse-lhe do barracão grosseiro em que morava Blair, do seu rude modo de viver.

— Seria um quadro que jámais a poderia emoldurar. Nance! Em breve você abominaria tudo aquillo, e havia de acabar por abominar-o também a elle; e tu bem

sei que você não é daquellas que sacrificam as suas oportunidades pelo simples crepitar de uma chamma!

— O simples crepitar de uma chamma, — o simples crepitar de uma chamma!

Nance ficou a repetir estas palavras depois que Leila partiu, e elle ficou só, a olhar as estrellas. As mesmas, as mesmas suaves estrellas!

Sim, fora o crepitar de uma chamma, concordou, — de uma chamma como nunca sentira! O capião, que ella despedira, tinha sido apenas um fogo fatuo, comparado a este "crepitar de uma chamma". Mas tão pouco, por isto só, podia elle renunciar ao que era a sua vida: Londres, a sociedade, a gente conhecida, as cousas dos seus habitos, as recepções, as festas da *season*, — tudo isso! Não, ninguém o faria! Fora uma chamma, sim, e as chammas são sempre ephemerass por natureza. Mas então, porque eram assim tão acrememente fortes, tão acrememente doces? Sim, porque doce, sem duvida, havia sido a chamma em que um momento ardêra, doce para além de tudo quanto se podia imaginar, mais doce do que tudo quanto jámais sentira, mais doce do que ella jámais sonhara! Sim, doce...

E com essa palavra nos labios, Nance adormeceu.

De manhã Blair Cornwell appareceu a convidal-a para ir, com elle, ao seu barracão:

— Quero que vejas, minha adorada — dizia elle com uma meiguice que a envolvia toda num delicioso calor — quero que vejas tudo o que te espera: — um barracão e eu!

E partiram os dois: Nance no seu lindo cavallo negro e Blair atraz della, venerando-a, a cada novo passo que os aproximavam da casa.

Alcancaram por fim o barracão e ao dar com elle, Nance reteve de chofre a respiração, — horrorizada. Era um casarão grosseiro, triste, solitario, primitivo. Entrou, e o seu horror cresceu de ponto. Havia uma enorme lareira, é certo, mas o tecto estava tispado de negro, evidenciando que a fumaça da lenha invadia a casa nos longos mezes de frio. E Nance imaginou os seus cabellos perfumados empastados de tina, os seus lindos olhos avermelhados, marcados de lagrimas pelo fumo! E as mãos, as mãos também, porque nesta remota região, que de repente se lhe patenteava despida dos seus encantos naturaes, eram as mulheres quem attendia ao fogo. E as cadeiras duras, mal torneadas, hostis! E as panelas, ali á vista, desasseiadas e feias! Sobre tudo isto, aos olhos de Nance acostumados ao luxo, pairava o manto frio da pobreza... Como podia ella ver aquelle ambiente com os olhos de Blair, que, pelo labor das suas proprias mãos, fizera aquellas cousas, uma a uma, — trabalho de horas, de dias, de semanas inteiras. Como podia ella comprehender o que tudo aquillo representava para elle!

— Ah! — exclamou num repente de fraqueza — nunca eu poderia viver neste lugar! Nunca! Nunca!

Talvez que a visita não a tivesse levado a estes exaggeros hytericos, se não fosse a immensa luta que se vinha travando ha tanto tempo dentro della. E recordando-se do programma que impusera á sua vida, Nance deu-se pressa de enfiar no dedo o anel de brilhantes que William lhe offertara e que ella escondêra desde o seu primeiro encontro com Blair Cornwell. Quando Blair voltou para junto della observou

a mudança e compreendeu a significação apparente daquella jola. Apparente, sim, porque falavam mais alto que ella as palavras que ha tão poucos dias arrancara a Nance.

— Mas, amas-me? Sim, bem sabes que me amas... Hontem á noite...

Nance ficou a olhar-o, attonita. Sentiu-se um momento atordoada, estúpida, mas logo reagiu com audacia.

— Eu não poderia tolerar isto, Blair! Não comprehendes que seria impossível? William Chase, o homem com quem estou comprometida a casar, tem milhões, milhões, — entendes, e todos esperam que eu...

— Comprehendo, sim. E' bem claro. Foi presumpção, foi loucura minha... Mas, de todo o modo, como é fraco o teu coração, Nance!

No dia seguinte, Nance seguiu viagem para junto dos seus, para junto de William Chase, levando como carga um coração devastado para uma furia louca e desoladora e uma bocca faminta dos beijos de uma outra bocca.

Foi só após o accidente, em alto mar, que Nance soube da presença de Blair a bordo do mesmo navio. Só então elle appareceu; e quando o navio se incendiou e submergiu, arrastando consigo apparentemente quantos estavam a bordo, só elle e ella se salvaram, só elle e ella tiveram a esperança de salvar-se com aquelle madeiro que lhes promettia na melhor fortuna tres dias de vida.

— Vamos morrer! — não cessava Nance de dizer.

Cornwell fitou-a com um olhar estranho:

— Antes, porém de morrermos, meu doce amor, creio... creio que vamos... viver!

— Sim, confirmou Nance. — Vivamos!

Agora que já não importavam muito nem a vida nem a morte, ella sentia o quanto o amava, sentia quanto o desejava, em face daquelles mares, eternos que aos pés delles rugiam a sua ameaça, em face daquelle céu que mais e mais se aproximava delles, a cada hora que passava.

Depois, numa hora estranha, Blair disse:

— Não temos um anel que symbolise a nossa união, nem um ministro de Deus, que por elle nos abençoe, mas pouco importa: tu és minha e eu sou teu, por todo o sempre... Amen!

— Amen! — repetiu Nance contra o coração de Blair.

Que valia agora a ambição, que valia agora o mundo, nesta hora suprema do seu amor e da sua morte!

Um pouco mais tarde o homem levantou o rosto beatificado e disse:

— Pouco importa a morte, agora que com os labios nós tocamos as secretas nascentes da vida sempiterna!

— Pouco importa — ecoou Nance. — Pouco importa meu amante, meu amor!

Passaram-se tres dias, tres dias que o amor preencheu integralmente, porque tudo mais naufragara naquella hora catastrophica do desastre em alto mar. Roupas, alimentos, noite e dia tudo se sumira para sempre. E com o homem e a mulher que se sustentavam naquella fragil madeiro, estavam apenas o Amor e a Eternidade omni-presente. Era só, e de mais não havia mister!

Pouco falavam porque não precisavam de falar. Tinham-se fundido um no outro e tudo quanto não eram aquelles principios essenciaes se dissipara. Por isso se uniam, se uniam estreitamente um ao outro, e ao eterno mar palpitante, e ao céu que os aguardava. Deus, — tinham-no perto de si. E não tinham medo, como medo não pode ter quem frue a delicia integral do perfeito amor.

No terceiro dia, quando o fim (ou seria o principio?) parecia proximo, Blair avistou um vapor. A principio, não quizeram acreditar. Depois, subitamente, terrivelmente, começaram a transparecer as cousas pequenas naquelle rosto de Nance em que acabava, ha tão pouco, de brilhar a sagrada beneficencia do sacramento que ella vivera. Empanaram essas pequenas cousas a expressão do seu olhar: os costumes, os preconceitos, a sua sociedade, o que haviam de dizer...

E' que agora adivinhava que ia viver, ella que abjurara a vida. Ia viver... e havia de se saber de tudo! Ia voltar a Londres, á Londres de William Chase, á Londres lilaz e cinza de sua mãe, á Londres de seu pae, enraizado por cobardia na rotina costumeira! Ia voltar a Londres perdida, — perdida no vernaculo da metropole convencional! Era o supremo terror, era a suprema vergonha! E poz-se a gritar, puxando Cornwell, que a espiava como alguém que espiasse a cabeça de Medusa.

— Não deixes que nos vejam, — supplicou — que nos vejam... juntos! Comprehendes bem... Se nos virem... adivinharão tudo...

Mas Cornwell abanou a cabeça:

— Não, elles nunca poderiam adivinhar... A tua Londres, a gente da tua roda... nunca, nunca poderia adivinhar...

Nance não o ouviu, não o comprehendeu. Havia mãos mysteriosas, mãos que a separavam agora daquelle homem silencioso, que a levavam na direcção do navio que

se aproximava, sepultura da sua vida passada, com as cousas a que ella estava habituada, com tudo quanto na vida ella amava!

Nance desmaiou quando finalmente a deixaram em lugar seguro. Ao despertar do seu desmaio, Cornwell tinha desapparecido.

Em Londres, tranquillamente installada em sua casa, sob a contemplação extatica, sob a torturante adoração de William Chase, Nance conheceu as angustias do delirio, William, que não a comprehendera jámais, comprehendia-a agora menos do que nunca. A mãe estava reduzida a um mortal desespero, mas não se entibrou o seu proposito: Nance casaria com William, tornar-se-ia num pallido e descorado manequim que circularia no mundo com os milhões de William nas costas, nas mãos, no peito, nos braços. Afinal, fôra para isso que ella nascera, e todo o mal viera de que ella nascera, e todo o mal viera de que ella tentara burlar o destino. A sua vida era porém aquella. Era inutil fugir...

Eventualmente, ella marcou o dia para o casamento, e os fornecedores tornaram-se de subito, conciliadores, benevolos. O pae de Nance fez-se pallido, buscou tornar-se ainda mais insignificante, e a noiva de William adivinhou o pezer com que elle via seguir a sua sorte.

William festejou os esponsaes na nova mansão que os noivos iam occupar, depois de casados. Nance recommendou-lhe que quera uma festa maravilhosa.

— Se não fór um acontecimento excepcional, envenenar-me-ei e provocarei um escandalo que nos perderá a todos!

William acreditou nessa ameaça, como acreditava em tudo que ella dizia, especialmente quando ella affirmava que o odiava; mas perdoou-lhe pela paixão bestial que tinha por ella. E no dia da festa Nance appareceu pallida, como uma dessas flores que boiam na placidez dos lagos, mas disse a William que estava, de facto, um deslumbramento a sua festa!

Nance sahiu ao jardim. Junto á fonte havia dois homens sobre os quaes o seu olhar passou distraidamente. Ambos se voltaram quando a sentiram approximar-se, e Nance fez-se pallida de morte. Um delles... um delles era...

O outro homem chamou-a:

— Miss Abbott: desejo apresentar-lhe o Sr. Seaton, o Sr. Charles Seaton.

Afastou-se depois. Nance encostou-se á lage da fonte e levou á cabeça uma das mãos:

— Pensava — tartamudeou — pensava...

A voz de Charles Seaton era agradável.

— Diga-me, diga-me o que pensava. Te-



GRATIS!...

Si quer ser feliz em negocios e em amizades, gozar saude, viver longo tempo, não perder ao jogo, saber como hypnotisar e magnetisar de perto e á distancia; exercer a clarividencia, augmentar a memoria e o poder da vontade, livrando-se de máos hábitos e adquirindo faculdades productivas; conhecer a fundo o espiritismo e a magia; combater e vencer a inveja e a calumnia; livrar-se das máas influencias extranhas e dominar-as, vencendo as difficuldades da vida e alcançando a verdadeira felicidade e a paz peça já o MENSAGEIRO DA FORTUNA, de ARISTOTELES ITALIA. Só serve para pessoas adultas e não analphabetas. Pedidos ao mesmo, á CAIXA POSTAL 604 (Rua São José, 6) — Rio — Manda-se pelo correio gratis, a quem enviar este annuncio ou citar o nome desta revista. Não deixe para amanhã. Mande hoje mesmo.

não a certeza de que os seus pensamentos não de ser interessantes, Miss Abbott.

Nance empertigou-se. O seu rosto pallido, doente, abraçou-se de novo, momentaneamente :

— Blair ! Blair Cornwell ! Sim, sei que és tu, — tu que és o Amor ! Por Deus, responde !

— Queira perdoar-me Miss Abbott — retorquiu tranquillamente o homem, junto á fonte — A senhora com certeza não está bem, ou se convenceu talvez de estar em presença de algum espectro ! Não posso acreditar que se trate simplesmente de um passatempo infantil ! Consinta em que lhe dê o braço, e a levarei para junto do Sr. Chase !

Nance permitiu que elle parasse na direcção da residencia.

— Com que então, — titubeou — com que então... tu... tu não és tu ?

— Eu sou eu, sim, creio bem. Sou o Sr. Seaton, inteiramente ao seu dispor, Miss Abbott.

Nance mal teve forças para se conservar presente até terminar a festa. No dia seguinte mandou chamar Charles Seaton, que promptamente attendeu ao chamado. Se a pallidez, se os olhos mortos, se o abatimento iniludível de Nance tiveram sobre elle algum effeito, Seaton não o disse. Nance então pediu-lhe que dansasse com ella ao som da Mandalay. E o seu pedido foi attendido por elle correctamente, e nada mais. Terminada a dança, arquejando ainda, Nance perguntou-lhe se não havia já dansado ao som daquella musica, e elle respondeu que provavelmente havia, pois era uma musica popular e elle tinha a dança por um dos seus passatempos favoritos. Alguns dias depois Charles levou Nance a tomar chá, a seu pedido. Ah, á queima-roupa, perguntou-lhe de novo se elle não era Blair Cornwell. Affirmou-lhe que se não enganava. E interpellou-o : como o ousava negar, — a ella, sobretudo ?

Elle ria de Nance, sem acrimonia. Approximava-se o dia do casamento, e William, apprehensivo pela saúde de Nance, que definhava dia a dia, chegou a falar no sul da França. A mãe da noiva estava engolfada nos encargos do *trousseau*. O pae affagava agora a cabeça á filha, cada vez que a encontrava.

Chegou o dia da boda e disseram-lhe que o dia estava crystallino, mas Nance mostrou-se surpresa, pois acreditava que chovesse.

Vestiram-na e ficou linda, irresistivelmente linda. Era como uma fragil orquídea branca, tocada pela morte.

Falando a sua mãe, dizia sempre :

— Pois sim, mamãe ! — mas nos olhos não lhe appareciam lagrimas. De que tinha ella que chorar ? Bebera os ultimos ritos da morte, e a morte a não quizera ! Quebrara a hostia do Amor, triturara-a, entre os dentes, cuspira-o fóra ! Agora, para que chorar ?

Na igreja o ambiente estava como sempre sombrio e mal cheiroso. Por toda a parte, ás custumadas flores de funeral. Sob a *marquise* de vidro matte, William parecia roxo, mas Nance sabia que isso vinha metido do vidro baço que das digestões laboriosas. A pelle do pescoco apparecia em tres sinuosidades contiguas, acima da orla do collarinho. Como ella sentia agora claro o pensamento, facil a respiração ! O coração, esse, parecia-lhe que o tinha ulcerado, pois doia-lhe como se o estivessem arrancando.

No altar, o padre começou a rezar e Nance não pôde ouvir. Mas de repente Nance nada mais ouviu, nem as ondas so-



OPTICA AMERICANA

Binoculos p rymaticos

Oculos e pince-nez

CASA DJALMA REIS

Optico especialista

Exame da vista
gratis

Avenida Rio Branco, 105

TEL. 4387 N.—RIO

moras do orgão que se dilatavam e reduziam no ambiente, nem o ruge-ruge dos vestidos das retardatarias, acudindo com pressa. O que ouvia era o murmúrio, o fluxo e refluxo das vagas do mar eterno. E ouvia claramente a voz daquelle homem, do seu homem, a dizer-lhe :

— Não temos um anel... um ministro de Deus... mas pouco importa, tu és minha e eu sou teu, por todo o sempre. Amen.

Ouviu a sua propria voz a repetir "Amen". Compreendeu então que falara alto e que dissera a palavra fóra de occasião devida. O sacerdote encarou-a surpresa; William fez outro tanto, mas, Nance deu uma gargalhada estridente e fel-os parar com a cerimonia, exclamando :

Eu não posso casar-me. Já sou mulher do outro homem á face do Deus !

E desmaiou, inconsciente do clamor que

Dar a todos...

sahia de todas as boccas, do borborinho de intriga que de todos os lados surgia, a profanar o templo !

+++

Charles Seaton partia para a Australia no dia seguinte, ao meio dia. Dez minutos antes, Nance foi procural-o na sua cabine.

— Agora, de nada mais vale — disse — mas de todo o modo eu não pude deixar de vir. Quiz que soubesses de tudo, antes de partires.

Charles Seaton olhou para ella e poz-se a rir, mas com um riso um pouco menos espontaneo porque a moça estava livida.

— E' este o navio da viagem nupcial ? — perguntou, Nance abanou a cabeça.

— Não haverá viagem nupcial alguma. Não me casei com elle ! Não podia ! Um casamento, basta... e eu já era casada ! Tive uma perturbação, mas não perdi a consciencia de que a unica cousa seria era o meu casamento anterior... o verdadeiro...

— Impossível ! — fez Seaton. Nance entregou-lhe um jornal.

— Lê.

E Blair passou os olhos sobre a narrativa do escandalo Abbott-Chase. Depois, o seu rosto fez-se tão pallido como o della.

— Perdó-me ! — disse Nance arquejando penosamente. — Perdó-me e irei contigo !

E Charles Seaton, que agora voltava a ser Blair, colheu-a junto a si, alquebrada, desfeita, — mas sua finalmente.

— Perdó-me tu, que eu fosse tão cruel... mas se soubesses, adorada, como me fizeste soffrer ! Tanto, tanto !

— Basta, meu amor, basta — supplico-te.

— Mas agora tudo será pelo melhor. Tenho dinheiro agora... dinheiro que me deixaram... E partiremos, e recomeçaremos, meu coração, e viveremos, finalmente...

Mas Nance suffocou-lhe em beijos a explosão de contentamento, sem nada lhe responder, porque não tinha palavras com que lhe respondesse !

MARCA DO FERRETE

(FIM)

deu a intenção do insensato. Quando porém elle retirou do fogo o ferro, com a barra e o circulo a resplender em brasa, e caminhou para ella, o seu espirito fraquejou ante o horror do que elle premeditara fazer. Desatou a gritar, ao mesmo tempo supplicando-lhe enternecedoramente que se apiedasse della.

— Tu és a minha mulher, — vociferava, ebrio de raiva, — e portanto, vou te marcar com o meu ferro !

Joanna recordou-se depois vagamente dos seus proprios gritos, de que tentara rebentar a faxa que lhe tolhia os braços, de que sentira contra o hombro o ferro incandescente, de que nessa altura um homem entrara, um desconhecido, e apontara um revólver a Pierre, e fizera fogo... Pierre cahira, sem um movimento... E depois, recordava-se ainda, a sua fuga pela neve, gemendo, chorando, aniquilada ! Mas de mais nada se lembrava, além disto.

Quando voltara a si, encontrara-se num quarto que não reconheceu, sobre um divan molle, junto a um fogo de lenha de pinheiro que crepitava ruidosamente. Alguem apparecera e approximando-se della, ficara a consideral-a longo tempo. Com um esforço, conseguira levantar os olhos.

— Ah ! — fizera, reconhecendo o desconhecido que abatera Pierre.

Tentou levantar-se, mas a fraqueza at-

rousa de novo sobre o divan que lhe servia de cama. Sentiu dores no hombro, e palpando-o, encontrou-o envolvido em tiras de linho.

— Não foi então sonho! — murmurou.
— Não; foi uma realidade brutal, — respondeu o desconhecido.

A voz d'elle estimulou-lhe as forças adormecidas da memória. Deu um suspiro então, e perguntou:

— E Pierre? O senhor atirou... não foi?

O desconhecido acenou que sim com a cabeça. Joanna via-o agora claramente, ao reflexo do lume que ardia no fogão. Era um mancebo de hora parecer, bem cuidado, de aspecto fino. Mais baixo do que Pierre, com um rosto de linhas mais suaves, uma physionomia mais intellectual. Os olhos eram desse castanho claro communmente comparado à cor da avelã madura, e tinham um ar grave agora, concentrados como estavam em Joanna, numa expressão de ansiedade.

— Diga-me: o senhor mat...?

Deve-se, buscando subjugar a crise hysterica que adivinhava imminente. Mas proseguiu com voz prostrada:

— Elle... elle morreu?

De novo o desconhecido acenou que sim. E então foi um vertiginoso tumulto de soluços que lhe abalaram devastadoramente o peito e a garganta, deixando-a ex-hausta por completo.

— Quero ir ter com elle! — disse em voz baixa — O desgraçado ficou lá, sozinho! Deixe-me ir acompanhá-lo! Ajude-me, sim?

— Não pode ser. A senhora está extremamente fraca. O choque prostrou-a de mais, e é preciso que se deixe ficar tranquilla. Eu me encarrego de attender a tudo, — na barraca. Wan Ho já lhe preparou um quarto e agora, apenas tome um caldo, deve recolher-se ao leito.

O amor de Joanna por Pierre era grande demais para que varresse de subito aquelle unico acto brutal, ou mesmo o conhecimento da sua morte. E só depois de um largo periodo de inconsolavel saudade, o seu espirito abatido foi recobrando o vigor de outr'ora, e não porque desejasse Joanna viver, mas porque a força e a mocidade que havia nella se recusavam a succumbir.

O desconhecido informara-lhe quem era. Chamava-se Prosper Gael. Era um dramaturgo, um viajante, um aventureiro, e cansado do mundo, da sua gente, procurava refugio na tranquillidade daquella paragem deserta.

A casa que elle occupava, naquella garganta da serra, não excluía porém os confortos do mundo de que elle fugira, pois era até mobilada com um certo luxo, tapetes, quadros, livros, cadeiras preguiçosas, divans, — tudo indicava uma preocupação de esthetica e commodidade, — e Joanna nunca vira nada mais bello do que essa sala principal daquella habitação do deserto.

Disse-o a Prosper, e este, buscando alegrar aquelles grandes olhos tristes, tomou entre as suas a mão de Joanna e respondeu-lhe:

— E' tudo para tua alegria e felicidade, Joanna. Tu não tens para onde ir, não tens preso a ninguém o coração! Fica portanto aqui: dá-me a alegria da tua formosa presença, e eu e Wan Ho seremos os teus escravos.

E Joanna ficou. Durante o longo inverno nutriu-se o seu espirito de tudo quanto Gael e os seus livros lhe podiam ensinar. Bondoso mestre era elle, maravilhado por aquella insaciavel discipula que tanto mais

linda se fazia quanto mais se lhe ia desenvolvendo a intelligencia.

Certa vez disse-lhe a rir:

— Qualquer dia farei de ti uma celebridade. Não conheço ninguém com o teu magnetismo, o teu poder de seducção! Se algum dia pisares um palco, não haverá quem te resista!

De conformidade com essa idéa, Gael lia-lhe peças de theatro, e animava-a a dar vida a um ou outro papel.

Nessa affectuosa intimidade, desvanecia-se a lembrança de Pierre e o amor que ella lhe tinha ficou encerrado em seu coração que agora bem raro evocava as lembranças do passado. Joanna começava de facto a corresponder ás affectuosas instancias de Prosper. Homem que colheira o que sabia em todos os recantos da terra, elle era, para Joanna, a encarnação do romance, e por isso nunca ella se cansava de ouvi-lo, de aprender com elle. Dessa admiração, desse respeito, nascera finalmente o amor que Prosper tanto se empenhara em conquistar.

Ao findar a primavera, porém, quando Prosper começara a falar de a levar a Nova York, toda a alegria de Joanna foi de chofre fulminada, como se sobre ella houvesse desabado um raio. Joanna sahira a passeio, e pela primeira vez dera volta em direcção ao rancho. Em certo lugar do bosque, os seus olhos pousaram no attalho rude que serpenteava, monte abaixo. Ao longe seguia lentamente um homem, a cavallo. Firmou o olhar de novo, mal conseguindo suffocar um grito. Não podia haver duvida: aquelle homem era Pierre!

Mas então não era verdade que elle tivesse morrido! A sua primeira sensação foi de um contentamento infinito. O horror da scena tragica recente nem lhe passou pela cabeça, e o amor antigo irrompeu da camara secreta em que ella o havia guardado, em seu coração. Teve impeto de chamar Pierre, de correr atraz d'elle. Mas lembrou-se de Prosper: teria que lhe explicar tudo que se passara, e Pierre mataria o outro, rechaçá-lo-ia para longe de si matá-lo-ia, a ella também, — quem sabe!

Voltou então á casa, correndo, e não encontrou Prosper; mas reuniu apressadamente algumas roupas, uma mão-cheia de moedas, e de novo se poz em fuga. Pierre vivo, como podia ella ficar junto de Prosper que a tinha enganado, que a tinha feito acreditar na morte de seu marido? E um rancor ardente suffocou em seu coração o amor que começava o escriptor a inspirar-lhe.

Havia na garganta do monte uma picada que cruzava a serra e se ia encontrar, do outro lado, com a estrada que as diligencias seguiam. E Joanna formou sua resolução.

— Vou por aqui. Chegarei a tempo de tomar a diligencia para Dogwood Junction e dali tomarei outra que me leve ao valle.

E dessa decisão se originou a trama da sua vida futura, tecida de cores brilhantes, com os fios partidos das muitas esperanças, das muitas maguas, das muitas dores que ella soffrera!

Num rancho do valle onde Joanna batteu, a pedir que a tomassem como creada, Joanna encontrou Jasper Morena e sua esposa. Morena era um agente theatral, sempre á cata de novidades, de talentos não vulgares.

A belleza estonteante, a individualidade faiscante de Joanna seduziram-n'o immediatamente.

— Gostava de ir para Nova York commigo e minha mulher, e estudar a carreira do palco? — indagou o emparelhado.

— Gostaria muito, — exclamou Joanna, com os olhos em fogo.

— Pois bem! partiremos depois de amanhã.

Um anno depois, Joanna triumphava em pequenos papéis das peças montadas por Morena, e esse triumpho levava Morena a confiar-lhe o papel principal em sua melhor peça da estação seguinte.

Joanna tinha se encontrado em Nova York com Prosper Gael, mas recusara falar-lhe. Nada dissera aos Morenas da vida que fizera com elle, e negou-se a recebê-lo quando este appareceu a procurá-la no hotel em que a Sra. Morena lhe arranjara um aposento encantador.

Certa noite Joanna foi mandada chamar á casa da sua benfeitora.

— Vamos esta noite ao theatro ver a peça de Prosper Gael — disse. Dizem que é uma obra muito dramatica, baseada na vida de uma rapariga que elle conheceu no Oeste.

Sentada entre o auditorio, Joanna viu-se nessa noite transportada para longe do presente, da realidade do seu ambiente actual, pois a peça não era senão a sua propria vida, amplada pelo genio de Prosper Gael.

No mesmo auditorio outra pessoa havia tão isolada como Joanna, de tudo quanto a rodeava. Era Pierre; e á medida que se desenrolavam as scenas da peça, tremendas convulsões lhe lavravam na garganta, e as suas fortes mãos apertavam-se inquietas sobre os braços da cadeira.

— Ah, Joanna! — murmurava-lhe o coração. — Pudessem eu descobrir-te, e reconciliar-me contigo, meu amor!

E o milagre operou-se quando viu Joanna retirar-se do theatro e entrar num carro. Saltou para o outro, e mandou-o seguir o que levava Joanna.

Alcançou-a ainda no vestibulo do hotel.

— Joanna! Tenho que falar-te!

— Pierre! Tu, aqui! Sobes commigo! E' necessario evitar uma scena, deante desta gente!

Entraram no seu aposento.

— Joanna, minha adorada! Estou arrependido de tudo quanto fiz! Nunca mais tive um momento feliz! Perdôa-me e volta para junto de mim! — supplicava.

Agitada, incerta de si mesma, Joanna recusou. — Tudo isso já vai tão longe! — murmurou pensando em Prosper, calculando se Pierre saberia de tudo.

A porta abriu-se então e Prosper entrou. Empallideceu, ao dar com Pierre:

— O senhor provavelmente veio aqui reclamar sua esposa, a mulher que marcou como sua!

— Não, não a reclamarei, se ella houver cessado de querer-me! respondeu, com humildade, Pierre.

— Reflete, Joanna, — Prosper implorou, offegante. — Tu bem sabes o amor que te tenho, um amor que jámais se desmentiu! Lembra-te que podes alcançar um divorcio, e tornar-te minha esposa!

— Não ha nada de ti que eu não saiba, Joanna! — tornou Pierre. — Não o soubesse, e a peça m'o teria revelado! Se amas este homem mais do que a mim, consentirei que sejas d'elle. Acima de tudo, quero a tua felicidade, meu amor!

Pareceu alliviada do peso que lhe comprimia o coração. Dissipou-se o espesso véo que lhe ennuvoava os olhos, e Joanna proclamou a sua escolha.

— Pierre! Meu marido! Tua, tua para sempre! — disse num soluço.

Adeantou-se Pierre para beijá-la, e cabisbaixo, em silencio, Prosper caminhou para a porta.



Questionario



Toda a correspondência para esta seção deve ser dirigida a OPERADOR — 164, Ouvidor — Rio de Janeiro.

Devido à formidável affluência de cartas para esta seção, muitas aguardam a resposta por semanas e meses até; pedimos por isso excusas aos nossos leitores, e ao mesmo tempo lhes solicitamos a atenção para a lista de endereços de artistas que mentalmente publicamos; isso evita-lhes a muita vez o trabalho de escreverem pedindo informações que nella se encontram e a nós um trabalho excessivo de combulsar catalogos para os satisfazer.

Aeolian Building, N. Y. C. 2º, 7003, Hawthorne Ave., Hollywood, Calif. 3º, 485, Fifth Ave., N. Y. C.

OSCAR VIANNA (Agua Clara) — Se queria votar em tanta gente enviase cartões correspondentes. Cada um só dá direito a um voto.

UMA AMIGUINHA DO "PARA TODOS" (São Paulo) — 1º, William Farnum, Dustin Farnum, Tom Mix, Charles Jones, Johnny Walker, Clyde Cook, Eileen Percy, Shirley Mason, Pearl White, Violet Mersereau, e... mais não disse. 2º, Não tem lugar fixo. 3º, Respondido acima. 4º, Historias.

JOSE CHAVES JUNIOR (Rio) — Pathé

PRINCEPE VOISIN (Colônia Mineira, Paraná) — Não estrague, que tem valor. Se quizer mandar, pôde fazê-lo.

H. L. FILHO (Bahia) — Foram rejeitados pela comissão de censura.

MLLE. X. (Vassouras) — Kathryn, 264 So. Kingsley Drive, Los Angeles, Calif. Sylvia, 1465 Broadway, N. Y. C. Milton, 1816 Argyle Street, Hollywood, California

ZILDA C. (Florianópolis) — Quantos queira.

LICINIO FREIRE (Guaratinguetá) — 1º, 485, Fifth Avenue, New York City. 2º e 3º, Idem.

SEVERINO DOS SANTOS (Recife) — A' encomenda (dirigida à Administração) deve acompanhar a importância.



MAY ALLISON

mas, Mais: abreviará o prazo das respostas.

Na casa de pedido de informes sobre filmes devem ter sempre que possível os títulos em original. Essa nossa exigência é motivada pelo facto de muitas vezes os filmes aqui exhibidos com um título passam com outro nos Estados.

BERT DANIELS (Rio) — Perfeitamente. Não vale a pena se incomodar com os naturalismos, porque, em geral, quem faz a trilha é mesmo empregado e não o próprio. Ah! vão os endereços: 1º,

sim, casado, 46 annos. Meu nome? Me chamo botão de ceroula de home, como lá diz a cantiga.

B. S. AMARANTE (S. Paulo) — Em *Wotues of the North*: Anna Thresh, Eva Novak; *"Wiki"* Jack Horn, Herbert Heyes; *David Waters*, Starke Pettersen; *Professor Thresh*, Percy Challenger; *Jennae Jen*; *Barbara Tennant*; *Lech*, Clyde Tracy; *Rosa de Hespanha*, Milly Impolito; *Mazzeh*, Wm. Eagle Eye.

Para qualquer empresa que lhe contrate os serviços, indifferentemente. Já trabalhou para a Essanay, Triangle, Universal, Rolfe, Arrow, Metro, etc.

Conso o rti-
um Cine-
ma — Pa-
ris, XI, rue
du Fau-
bourg Saint Martin,
67. Mande pedir-lhe
e pôde ter a certeza
que... não o rece-
berá.

W. HART (Rio) — Está preso. Suas outras perguntas queira fazel-as mais explicitamente. Não as entendemos, por melhor que fosse a nossa vontade.

THE REZINHA (Guaratinguetá) — Pois sim, breve, na capa. E' americano.

ANTONIO CALDAS (Affonso Penna) — Recebidos. J. R. DE LEMOS (Fernão Velho) — O preço está no cabeçalho da revista.

MOVING PICTURE'S ADMIRER (Recife) — Uns gostam de pão com manteiga, e outros de pão com outra coisa...

D. BITTENCOURT (Porto Alegre) — Reprovado por unanimidade.

PROPRIETARIO, ETC. (Montenegro) — E' a maior obra cinematographica até hoje realisada. Entretanto, só serve para os grandes centros e passada toda de uma só vez. E tanto é assim, que o proprio Griffith desentranhou os tres enredos principais, com elles formando films independentes. Quanto aos protagonistas figuram nos diferentes episodios: Mae Marsh, Constance Talmadge, Wallace Reid, Robert Harron, Mildred Harris, Von Stroheim, Bessie Love, Margery Wilson, Lillem Gish, Sam de Grasse, Mary Alden, Miriam Cooper, Elene Clifton, Seena Owen, Tully Marshall, Elmo Lincoln, etc., etc.

LILA SANCHES (Contagem) — 1º, 485, Fifth Avenue, N. Y. C. 2º, Não percebo de magicas. As outras perguntas pertencem ao graphologo, ao qual será entregue a sua carta.

DYLO (Rio) — 1º, 485, Fifth Ave., N. Y. C. 2º, Até o fim do anno, com certeza. 3º, 1816, Argyle Street, Hollywood, Calif.

M. M. M. (Contagem) — 1º, E' propoxitona. 2º, Não entendo dessas coisas. 3º, Entregue ao graphologo. Não espere, porém, tão cedo, a resposta. Ha mais de mil na frente.

V. ALVAREZ (Rio) — Brevemente. T. M. CALDAS (S. Paulo) — Tem toda a razão.

JEAN CAVALIER (Rio) — Esse film



@ filme da semana



Tiveram as honras da semana Geraldine Farrar, talvez a mais completa e admirável estrela dramática do *écran*, e Tom Moore, o sympathico Tom Moore, cuja elegancia de maneiras dá á sua comichidade um cunho original, ainda desconhecido pela nossa platêa, que já o consagra.

Mas é preciso notar que se tanto brilharam esses interpretes, quando pelas outras telas se exhibiam Gladys Walton, June Elvidge e Montagu Love, muito concorreram os assumptos que posaram. Não se pôde deixar de louvar *Flor de Sevilla*, que, se não é de todo um motivo maravilhoso para Geraldine Farrar, é bem um pretexto para suas qualidades artisticas,

que se nos revelam lindamente, através o romance doloroso da hespanhola ardente, impetuosa e apaixonada.

E Tom Moore, em sua comedia *Alto lá!*, tudo que ha de mais *yunker*, cheio daquelle bom humor que só os americanos sabem desfrutar com uma felicidade invejavel, completou o successo da semana, levando a Goldwyn, com Geraldine Farrar, os postos grandes applausos.

A cinematographia franceza foi bem representada. Bem, quer dizer, melhor que nos ultimos tempos ella se fazia ver, ora no Rialto, ora no Odeon e ás vezes no Palais.

Os seus films, que vimos agora no Odeon, *Uma noite de entrudo*, e no Palais, *Rosa de Nice*, são apresentaveis. *Rosa de Nice*, melhor que o outro, porque, apañando uma grande parte do sumptuoso carnaval, interessa mais com a exhibição desse espectáculo que mesmo com a historia sentimental que seus interpretes nos revelam.

Resta Tom Mix, que tambem teve o seu publico no Pathé. Mas, *De vaqueiro a general*, que elle acaba de nos dar, é mais uma produção em que se repetem todas as suas habilidades conhecidas e *trucs* explorados.

OPERADOR N. 3

COTAÇÃO DOS FILMS — SEMANA DE 20 A 26 DE MARÇO DE 1922

1 Mediocore — 6 Bom — 12 Extra.

MARCA	CINEMA	TITULO DO FILM	PRINCIPAES INTERPRETES	DATA	CLAS.
World	Odeon	A vingança do rei do aço (The Steel King)	June Elvidge e Montagu Love	1919	... 4 ...
Paramount	Avenida	Amor especial (The Love Special)	Agnes Ayres e Wallace Reid	1921	... 6 ...
Universal	Rialto	Cumpri o vosso dever (Go Straight)	Frank Mayo e Ora Carew	1921	... 5 ...
Goldwyn	Central	Flor de Sevilla (The woman and the Puppet)	Geraldine Farrar	1920	... 7 ...
Goldwyn	Pathé	Alto lá! (Hold Your Horses)	Tom Moore e Naomi Childers	1921	... 6 ...
(*)	Palais	A rosa de Nice (La rose de Nice)	(*)	1921	... 4 ...
Mayflower	Realart	O mysterio do quarto amarello (The Mystery of the Yellow Room)	Ethel Grey Terry e Lorin Racker	1919	... 5 ...
Fox	Pathé	De vaqueiro a general (The Rough Diamond)	Tom Mix	1921	... 5 ...
Pathé-Consortium	Odeon	Uma noite de entrudo (Les trois masques)	Mlle. G. d'Avril, Henry Rolland, Henry Krauss	1921	... 6 ...
Universal	Rialto	Desenlace feliz (High Heels)	Gladys Walton	1921	... 5 ...

(*) Não constam dos programmas nem dos cartazes.

a que allude já é de 1920. Passou em *répise*, em 1921. Está, pois, muito direito que os leitores nelle deixem de votar.

PEREGRINO (S. Paulo) — Que diabo! Se o que deseja já o fazemos nós, para que desejar aos outros que o façam também? Seria o cumulo.

HELIO OLIVEIRA (Rio) — Pensa que não temos mais o que fazer? Compre um *Album*, e encontrará nelle todas as indicações. E viva!

ADMIRADORA DE EDDIE (S. Paulo) — Deixou, recentemente, a Universal. Não sabemos qual o endereço actual. 2º, 45 annos. 3º, Pearl Grant. 4º, Conheçemo-nos Malven somente.

NORMA (?) — Como poderemos arranjar o que deseja? Sabe que para uma *répise* é mister uma copia nova? E que, com a alta do dollar, uma copia, hoje, pôde custar mais do que ha dois annos a primeira? de Curuso, "O primo"

B. S. AMARANTE (S. Paulo) — Chama-se José Cunha, natural do Pará e reside em New York. *Modern Salomé* é da Metro.

Se Metro virá ao Brasil? Quem sabe!

F. COELHO (Porto D. Pedro) — Recebidos.

HARRY FORD (?) — Escreva, ou venha á Administração.

A. E. RODRIGUES (Bahia) — Só respondemos por aqui. E como quer que saibamos o endereço de uma casa que não sabe, que por uma quantia que ignora manda retratos a quem os pede? E nós é que sabemos?

WILLIAM MC EVAN (Rio) — Recebido.

? (Rio) — Esqueceu-se de assignar? Recebidos os votos. A distribuição é tirada dos impressos que a fabrica envia, acompanhando o film. Já vê! 2º. Não sabemos, mas cremos que não. 3º. Não mentiu o exhibidor. De facto, só agora chegaram as partes restantes, conforme na Agencia nos informaram.

R. AMARAL (Rio) — Por carta levaria muito tempo; o senhor nem faz idéa da coisa como é feita. Se quizer, procuremos um dia, das 4 ás 6 horas, que lhe daremos todas as explicações.

F. SILVA (Santos) — Já publicamos uma porção dellas. Recorra á collecção, se é que a tem.

CELESTE (?) — Aimé Simon Girard, no francez, Douglas Fairbanks, no americano.

E' COUSA SABIDA

que as hemorrhoïdes têm nos mesmos doentes os melhores allindos para que ella prospere. A natureza desta repugnante enfermidade determina o proposito de mantel-a occulta, circumstancia que favorece o desenvolvimento da afecção, infligindo um cruel supplicio aos atacados, os quaes soffrem em silencio sem poder libertar-se do flagello, até que intervenha apressadamente o bisturi, em dolorosissima operação de possíveis consequências graves. Por felicidade, a sciencia, resolvendo brilhantemente o problema, conseguiu encerrar em uma das suas maravilhosas syntheses, chamada "Noridal" a virtude therapeutica capaz de substituir vantajosamente a cirurgia e de acabar o mal pela raiz. O "Noridal" é um milagroso especifico que constitue um verdadeiro exito na moderna pharmacopéa, e que veio redimir aos que soffrem essa cruel enfermidade, pon-do ao seu alcance o modo de extirpal-a definitivamente. Vende-se em todas as pharmacias e drogarias.

MENDEL & C.

RUA 7 DE SETEMBRO, 107 (1º andar)
TEL. C. 2741 — RIO DE JANEIRO

UM GRANDE PASSO DA SCIENCIA

Importantes descobertas do chimico Wirth

FORMULA USADA EM TODA A EUROPA

POMADA "RENY"

APPROVADA PELA SAUDE PUBLICA

A unica que tira todas as sardas, pannos, rugas, espinhas e manchas da pelle.

Tendo o fabricante absoluta confiança no resultado deste preparado, resolveu offerecer vinte contos de réis a quem não tirar resultado.

Com o uso da Pomada Reny a pelle grossa fica fina, a velha fica nova e toda pessoa que d'ella faz uso apparenta metade da idade. As senhoras cariocas e paulistas attestam seu resultado.—RENY, unica de effeito seguro—Pote 4\$000 - Pelo correio 5\$000.

DEPIL

quem não tirar resultado. Vidro pequeno 5\$000 e grande 10\$000. Pelo correio 6\$500 e 12\$000.

PO'DE ARROZ RENY O melhor, o mais barato, o mais fino, o mais perfumado e o mais adherente. Caixa 2\$500. Pelo correio 3\$500.

LOÇÃO RENY Elimina a caspa e evita a queda dos cabellos, tornando-os sedosos, abundantes e perfumados. Vidro 5\$500. Pelo correio 8\$000.

MAGALHÃES & LOBO—Rua Serador Furtado, 48—Rio

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

A REALISAREM-SE EM ABRIL

Chamamos a attenção dos nossos Agentes para as Loterias de novos Planos

1 de Abril	100:000\$000 por 22\$000
8 de Abril	200:000\$000 por 55\$000
12 de Abril	50:000\$000 por 7\$700

No preço dos bilhetes já está incluído o selo. Agente geral na Capital Federal: **Nazareth & C.** — Rua do Juiz, 94, Caixa do Correio n. 817 — Endereço telegraphico — Rio de Janeiro.

O que o espelho não reflecte!

O que torna a halitose (mau halito) insidiosa e incommoda é o facto de que, geralmente, a pessoa que della soffre não se apercebe do mal. Póde uma mulher ser dotada de todos os encantos femininos; póde ser linda, espirituosa e educada; póde ainda ser attrahente, sob todos os pontos imaginaveis, ás pessoas de sua amizade e ás de suas relações. Existe, entretanto, um mal invisivel, muito commum, mas ignorado por essa mulher e que poderá fazer com que todo o mundo della se afaste. Nesse particular o seu espelho nada lhe diz, como tambem nada lhe dizem as suas mais intimas amigas. A maior parte dos casos de halitose são passageiros, cedendo rapidamente com o uso do Odorans, quer como lavagens da bocca, quer como gargarejos. Esse conhecido antiseptico liquido possui ideaes propriedades desodorantes para combater a halitose. O Odorans impede a fermentação na bocca e torna o hálito agradável, fresco e puro. Não ha, pois, motivo para ninguém affligir-se em saber se o halito está bom ou mau, quando existe remedio tão simples e scientifico. Pode-se então estar certo de que não se molesta os amigos num assumpto tão delicado, em que elles não usariam, naturalmente, de franqueza. Se a distincta leitora ainda não usa o Odorans não deve deixar de comprar um frasco, que se encontra em toda a parte e no deposito geral, Casa Hermann, pelo modico preço de dois mil e quinhentos réis.

Depurativo

Salsa,

Caroba

e Manacá



Do celebre pharmaceutico-chimico **E. M. DE HOLLANDA,**

preparado pelo Dr. Eduardo

França (Concessionario)

O Rei dos Depurativos

A SALSA, CAROBA E MANACA, do celebre pharmaceutico Eugenio Marques de Hollanda, é já muito conhecida em todo o Brasil e nas Republicas Argentina, Uruguay e Chile, onde tem produzido curas maravilhosas e goza de grande reputação. E' o depurativo mais antigo, mais scientifico e mais efficaz para a cura radical de todas as affecções herpeticas, syphiliticas, boubaticas e escrofulosas provenientes da impureza do sangue, taes como rheumatismos, dores articulares, arthritismo, etc. Experimentae um só frasco e sentireis os seus beneficios!

Depositarior: **ARAUJO FREITAS & C.**, droguitas. — Rua dos Ourives n. 88, Rio de Janeiro. — Encontra-se em todas as pharmacias e drogarias.

VIDRO . . . 3\$000

COLGATE'S



Desde a mais tenra idade a criança deve usar

COLGATE

a melhor pasta para os dentes